

RESUMO DE FATOS HISTÓRICOS PESQUISADOS E COMPILADOS NOS LIVROS “O SANTO GRAAL E A LINHAGEM SAGRADA” e “A HERANÇA MESSIÂNICA”

Ambos de
Michael Baigent - Richard Leigh - Henry Lincoln

(Com algumas adições de referências e temas compilados em pesquisas próprias)

Por
Paulo Dirceu Dias - Dezembro 2010

INTRODUÇÃO

O livro “*O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*” foi editado em 1982, com base em pesquisas realizadas durante aproximadamente doze anos, tendo como origem um “*misterioso enigma*”, encontrado na leitura de história contada no livro de bolso francês “*O Tesouro Maldito*” (*Le Trésor Maudit*), de Gerard de Sède, que versa sobre um “*tesouro*” encontrado em 1890 pelo padre Berenger Saunière, em Rennes-le-Château, lugarejo situado na região sul da França, há 40 Km de Carcassone, antes conhecida como Rhédae, que foi habitada por tribos celtas e visigóticas de linhagem Merovíngia. A região pertenceu ao Condado de Razès por mais de 500 anos.

Em seguida, com base nas pesquisas realizadas e aprofundando-as em muitos novos documentos depois conseguidos, bem como consultando outros renomados pesquisadores e pessoas pretensamente ligadas ao Priorado do Sião, e a grupos, ordens e organizações similares, os mesmos autores publicaram em 1986 seu segundo livro, “*A Herança Messiânica*”, no qual se dedicaram ao estudo da vida de Jesus, suas origens, vínculos, consequências e fatos gerados até nossos dias, prolongando-se na avaliação das ações de diversas entidades e grupos, igualmente até a época atual.

Há poucos Km de Rennes-le-Château situa-se o Pico Bézu, onde antiga fortaleza medieval teria abrigado a Ordem dos Templários, grupo armado criado no século II pelo Monastério do Sinai¹, ambas organizações enigmáticas e atípicas. Bastante próximo existe outro pico, que abrigava o Castelo de Blanchefort, lar ancestral de Bertrand de Blanchefort, o 4º Grão Mestre dos Templários. Também próximo existe outra pequena cidade, Rennes-les-Bains. Junto à Igreja de Saunière estavam restos de edificação de 1059, consagrada à Madalena e construída sobre ruínas visigóticas ainda mais antigas, do século VI. Essas edificações estão na região da rota de peregrinação de crentes, que vai do nordeste da Europa até Santiago de Compostela², na Espanha.

Conforme constatado pelos autores, durante as obras de recuperação na Igreja que assumiu, entre “outros achados” o padre Berenger Saunière encontrou quatro pergaminhos, um de 1244, outro de 1644 e outros dois de 1780, os dois últimos compostos por Antoine Bigou, padre que antecedeu Saunière naquela igreja, muito ligado à família Blanchefort, cujo conteúdo mostrava-se enigmático e, depois, juntamente com outros fatos, desencadearam acontecimentos e conhecimentos nunca esclarecidos satisfatoriamente.

¹ Sinai é uma montanha em península desértica do Egito, entre os golfos de Suez e Aqaba. Ocupa uma posição estratégica que une dois continentes, África e Ásia, separando também o Mar Mediterrâneo do Mar Vermelho. Nessa península convivem pessoas de diferentes credos religiosos e por ela passaram todos os profetas. Segundo as escrituras, foi no Monte Sinai que Deus deu a Moisés o Decálogo, ou Dez Mandamentos. Na história moderna essa região tornou-se cobiçada em razão de suas riquezas, representadas por numerosos lençóis subterrâneos de petróleo, de ouro e de toda a espécie de minerais. Essa península foi ocupada pelo exército de Israel em 1967, durante a guerra dos seis dias.

² Santiago de Compostela é antiga cidade da província de Corunha, na Espanha, famosa por sua catedral de fachada barroca, onde acorrem peregrinos que perfazem os Caminhos de Santiago, ou de São Tiago, de Compostela, um dos apóstolos e irmão de Jesus, cujo corpo se diz que foi trasladado para aquele lugar.

Na região, em seguida aos misteriosos achados, Saunière construiu uma grande torre voltada para a montanha, que chamou de “*Magdala*”³, ou Madalena, e uma opulenta casa de campo, que nunca ocupou, denominando-a “*Villa Bethania*” (Beth-Ania ou Casa de Ana). No pórtico da Igreja reformada, enigmaticamente Saunière determinou a gravação da inscrição “*TERRIBILIS EST LOCUS ISTE*”, que significa “*Este local é terrível*”. Após as descobertas passou a administrar incalculável fortuna, que lhe permitiu viver confortavelmente e criar muitas benfeitorias na Igreja e nas cidades próximas, até sua suspeita morte.

Com base nesse tema e nas pesquisas para o primeiro livro, sob orientação dos autores a BBC de Londres produziu três filmes: “*O Tesouro Perdido de Jerusalém*” (1972), “*O Padre, o Pintor e o Demônio*” (1974) e “*A Sombra dos Templários*” (1979)⁴.

Nos textos que seguem se destaca a **Linhagem dos Merovíngios**, de dinastia franca, cujos integrantes se proclamam descendentes diretos da Casa de Davi⁵ e Salomão⁶, ambos monarcas e messias do Antigo e do Novo Testamento. Tal pretensão na descendência foi reconhecida pela **Dinastia Carolíngia**, depois de suplantá-los por meio da usurpação do trono Merovíngio, assim como pelo povo da época, por monarcas e também pela Igreja católica, que, em troca de poder, durante longo tempo os condenou e perseguiu como hereges.

Os autores dos livros aqui resumidos afirmam que, primeiramente sob a curiosidade em relação ao “*enigma*”, percebido nas entrelinhas do livro de bolso francês, iniciaram pesquisas que mostraram a necessidade de mais informações, com ilações que exigiram aprofundamentos e novamente levavam à outras sequências de novas buscas, gerando conclusões inesperadas e enigmáticas.

Na continuidade, seus estudos constataram fatos históricos bem documentados e amplamente conhecidos nos últimos dois milênios, que ao longo desse tempo foram sistemática e intensamente combatidos por diversas forças políticas, de grupos, ordens, crenças e, principalmente, pela Igreja Católica Romana, condenando-os como heréticos, destruindo documentos ou simplesmente tentando desacreditar fontes, historiadores e pesquisadores, como se escondendo ou disfarçando pegadas na areia, não raro também as produzindo, esperando confundir! Para atingir tais metas, sem medir escrúpulos, a Igreja e os mesmos grupos da antiguidade lançaram mão de sanguinárias guerras, cruzadas, inquisições, pactos, conspirações, assassinatos e muitos outros artifícios atualmente inconcebíveis. Os autores constataram ainda que resultados parecidos estão ainda sendo buscados na atualidade, agora sob formas e ações mais dissimuladas, mas às vezes não menos agressivas, envolvendo grandes somas de dinheiro, influências políticas e religiosas, e diversas formas de grande poder.

Além de ratificar tais fatos, documentos originais encontrados nas últimas décadas confirmam ainda que Jesus, se não chegou a ser empossado como rei dos Judeus, seguramente foi reconhecido como herdeiro legítimo do trono de Israel, e ainda que tinha família com irmãos, se casou e gerou filhos, e que esses filhos perpetuaram sua linhagem, até quando, três séculos depois, se fundiu à Dinastia Merovíngia, na França. Declaram ainda que Jesus conhecia profundamente os livros do Velho Testamento, naquela época

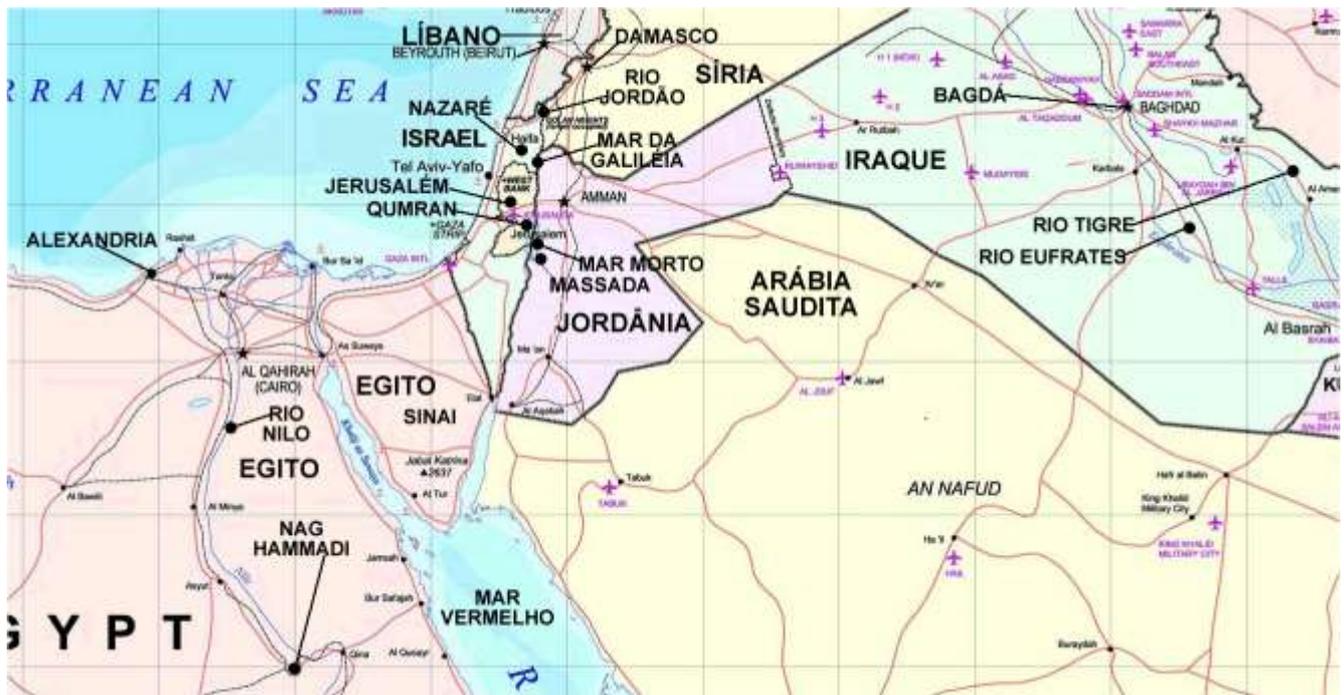
³ Magdala, ou Madalena, foi nome dado a pequena aldeia da Galileia, chamada Madalena, ou “*Maria de Magdala*”, onde teria nascido Maria Madalena.

⁴ Embora pesquisando bastante, não consegui localizar nenhum desses três filmes. Se você, que lê este resumo, conhecer alguma fonte que os possa ter, por favor, comunique-se comigo: paulodias@pdias.com.br.

⁵ Davi ou David em hebraico significa “querido”, “amado”. Filho de Jessé, da tribo de Judá, Davi teria nascido na cidade de Belém e se destacou na luta dos Israelitas contra os Filisteus, antecessores dos palestinos, que já estavam na Terra Santa quando os judeus lá chegaram. Viveu por volta de 1050 a.C. e foi o segundo rei de Israel, sucedendo Saul, da tribo de Benjamim. Conquistou Jerusalém, transformando-a em capital do Reino Unido de Israel.

⁶ Salomão ou Shlomô, que deriva de Shalom e significa “Paz” ou “Pacífico”, viveu de 1009 a 922 a.C., foi filho do rei David com Bate-Seba, e consagrado o terceiro rei de Israel, governando durante cerca de quarenta anos. Se notabilizou pela grande sabedoria, prosperidade e enriquecimento abundante de Israel, bem como por longo reinado sem guerras. Ordenou a construção do Templo de Jerusalém, também conhecido como Primeiro Templo ou Templo de Salomão, do Palácio Real do Sumo Sacerdote, do Palácio da Filha do Faraó, da Casa de Cedro do Líbano e do Pórtico das Colunas, fortes muralhas na cidade, fortificações e torres de vigia. Após sua morte, em 922 a.C., ocorreu o cisma das Tribos de Israel, originando no sul o Reino de Judá, formado por duas tribos, e ao norte o Reino de Israel Setentrional, formado pelas outras 10 Tribos.

REGIÕES DE ISRAEL, EGITO, SIRIA, JORDÂNIA, IRAQUE E ARÁBIA SAUDITA



EUROPA E ORIENTE MÉDIO



JESUS, A LINHAGEM MEROVÍNGIA, SEUS ASCENDENTES E DESCENDENTES

Os escritos tidos como sagrados e registrados nos Cânones da Igreja Católica Romana omitem a quase totalidade da vida de Jesus, e são fortemente contraditórios em muitas de suas afirmações. Descrevem superficialmente seu nascimento, sob condições suspeitas, e os acontecimentos de seus últimos dias, que antecederam a crucificação. Além de ignorar a maior parte de sua vida, em inúmeros aspectos conhecidos, e impossíveis de obscurecer, os fatos declarados são excessivamente vagos e deixam muitas perguntas sem respostas.

O estudo das centenas de documentos que escaparam da censura e obliteração, da Igreja e de políticos da época, aos poucos descobertos em inesperados locais onde permaneceram escondidos por centenas de anos, relatam fatos confiáveis e histórias esclarecedoras, bastante diferentes daquelas impostas como “*verdades indiscutíveis*”.

Nascido, criado e instruído em abastada família judaica, Jesus teria tido carreira e vida bastante conhecidas, praticando atos que, depois de seu desaparecimento, foram sendo transformados e readequados segundo interesses de diferentes crenças, correntes, seitas, associações, autoridades políticas e outras congregações, geralmente sob formas conflitantes. Algumas dessas pregações se destacaram e deram origem a fatos e acontecimentos que permitiram seu crescimento, chegando até nossa era, uma delas por meio da Igreja Romana.

Hoje predomina fortemente a crença de que Jesus teve família com irmãos, inclusive um gêmeo, foi casado e teve filhos, que deram continuidade à sua linhagem sanguínea. A criada e imposta “*fé católica*” promoveu uma das alteradas derivações dos atos de Jesus, se transformando em doutrina alicerçada principalmente nas teorias de Saulo, ou Saul de Tarso, que em dado momento trocou de nome e ficou conhecido como São Paulo, com suas pregações sendo identificadas como “*crença paulina*”, que contrariava a família de Jesus e de seus seguidores mais próximos, os nazarenos, principalmente por ter modificado interpretações, alterado fatos e acontecimentos, desviando costumes. Sob o forte poder de convencimento das pregações de Paulo, depois seguidas por Pedro, ou São Pedro, a “*crença paulina*” prosperou e, no século IV, por meio do Concílio de Niceia, presidido por Constantino, foi cooptada e mais uma vez fortemente adaptada aos interesses então vigentes, sendo consolidada na Igreja Católica Romana.

Outra importante vertente foi constituída pela família e pelos seguidores mais próximos de Jesus, na seita conhecida como Nazarena, que respeitava os princípios por Ele ensinados e, portanto, estava mais próxima das suas origens judaicas. Os Nazarenos pregavam sob a liderança direta dos irmãos de Jesus, principalmente Tiago, que acabaram sendo perseguidos e condenados como rebeldes e hereges, por autoridades políticas romanas, por outras seitas judaicas concorrentes, principalmente os Saduceus, casta de sacerdotes, e pela Igreja Romana.

Entre as milenares dinastias, normalmente entendidas como “casas”, famílias ou linhagens de descendentes de mesma consanguinidade, geralmente encabeçadas por governantes que por tradição suplantavam antecessores, embora esse fato não esteja registrado pela história em relação aos mencionados, havia uma identificada como dos Merovíngios, que era então considerada como sendo composta de “*reis de direito*”, por hereditariedade, e pertencentes à linhagem sagrada. Essa dinastia teria originalmente surgido dos Benjamitas, uma das tribos judaicas que povoaram a Terra Santa, e dos Sicambrianos⁷, povos germânicos conhecidos como francos, após terem se unido por meio de casamentos reais.

Entre os séculos V e VII os Merovíngios reinaram em grande parte da região onde hoje estão a Alemanha e a França. O período de sua ascendência mais forte é o mesmo do Rei Arthur, que serve também de “*palco*” para os romances sobre o Cálice Sagrado, ou o Santo Graal, que seria uma derivação de “*Sangraal*”, ou “*Sangue Real*”, sendo usado nessa forma

⁷ Sicambrianos ou sicambros eram povos de tribos “Cita” ou “Cimérias”, que aproximadamente em 500 a.C. habitavam a foz do Rio Danúbio, na região onde teria existido a histórica cidade de Troia. Deram origem aos povos Francos, talvez a partir de Franko, um dos seus chefes tribais, que por sua vez originaram os merovíngios.

como simbologia na indicação da continuidade da linhagem sagrada de Jesus, ou sua linhagem sanguínea. A pretensa linhagem de Jesus, continuada por meio dos Merovíngios e chegando até os Habsburgos e outras famílias na atualidade, foi considerada por seus seguidores como detentora de um mandato exclusivo “*das alturas*”, ou seja, divino. Os “*segredos*” originados dessa época, em torno desse tema, são grandes e, por serem tratados misteriosamente, são identificados como pertencentes a uma “*Idade de Trevas*”, no estudo do cristianismo, heresias e ordens ou grupos organizados.

O estudo da linhagem dos merovíngios retroage sua descendência há milênios anteriores, existindo afirmações, principalmente nas escrituras sagradas, que eram originários das tribos judaicas que chegaram à Terra Santa com Moisés⁸, e seriam descendentes dos reis Davi e Salomão, ambos da tribo de Judá, que sucederam o rei Saul⁹, um Benjamita, o primeiro monarca de Israel.

A identificação da linhagem como Merovíngia é atribuída como tendo origem em Mérovée, no século V, que teria nascido de “*dois pais*”; o Rei Clódio, governante franco, e um “*ser marítimo*”, fato entendido como lenda alusiva a uma dupla descendência, ou, um filho de dois ramos familiares importantes, que teriam se unido por matrimônio, sendo um “*vindo do além-mar*”. Seus descendentes teriam uma “*marca*”, na forma de cruz vermelha, que anos depois foi adotada pelos **Templários**, que, sob títulos de falsas missões, na realidade teriam sido constituídos para “*proteger um importante segredo*”, que seria a manutenção da segurança da linhagem sagrada dos Merovíngios, e de seus bens.

Os monarcas Merovíngios, reconhecidos como “*reis-sacerdotes*”, eram tidos como ungidos pela benção divina, por direito hereditário, e também identificados como os “*reis de cabelos longos*”. Em 417 d.C. o merovíngio Mérovée foi um chefe sicambriano que lutou contra os romanos, morrendo em 438. Em 448 seu descendente, também Mérovée, foi proclamado Rei dos Francos, em Tournai, Bélgica, reinando até sua morte, dez anos depois. A linhagem de ambos passou a ser conhecida como Merovíngia, acumulando poderes e grandes riquezas e, principalmente, ligada à região de Sinai. Intermitentemente conseguiu o poder real, e foi novamente dele afastada, por sucessivos acontecimentos envolvendo poder e traições.

Os Merovíngios se diziam descendentes diretos de Noé¹⁰ e da região de Tróia¹¹, sendo também relacionados à casa real da Arcádia. Em data não conhecida, próximo do advento da era cristã, teriam migrado Danúbio acima e depois Reno acima, se estabelecendo onde hoje é parte da Alemanha ocidental. Um dos seus símbolos de maior destaque, além da abelha (também adotada por Napoleão como importante símbolo e adorno), era o urso, de onde se deriva o nome de Arthur, o rei. O nome Arcádia, ou Arkades, região da Grécia antiga, onde viveram por longo tempo, significa “*povo do urso*”.

No início do século V a invasão dos Hunos¹² provocou a migração em massa dos sicambrianos, ancestrais dos merovíngios, que cruzaram o Reno, indo para a Gália, vizinhança de Ardenas, onde hoje é a Bélgica e Norte da França, estabelecendo como centro a região onde hoje é Lorraine, França.

Entre 481 e 511 d.C. reinou na França Clóvis, neto de Mérovée e um dos mais famosos líderes dos Merovíngios, que em 496 d.C. fez um pacto com a Igreja Romana, por meio de

⁸ Moisés, em hebraico, Moshe, viveu de 1592 a.C. até 1472 a.C. e foi um profeta israelita da tribo de Levi. De acordo com a tradição judaico-cristã, ele foi o autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. É respeitado pelos judeus como o seu principal legislador e um dos principais líderes religiosos. Para os muçulmanos, Moisés foi um grande profeta.

⁹ Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamin, antes um líder guerreiro, foi nomeado e abençoado por Samuel como o primeiro rei do reino de Israel. Viveu por volta de 1095 a.C. e reinou durante quarenta anos.

¹⁰ Noé ou Noach, em hebraico significando “descanso”, “alívio”, “conforto”, foi herói bíblico que, aproximadamente em 4000 a.C., recebeu ordens de Deus para construir uma arca e com ela salvar os seres vivos de dilúvio.

¹¹ Com origem na mitologia grega, Tróia existiu na Anatólia, atual Turquia, e, em aproximadamente 1190 a.C., teria sido palco da célebre Guerra de Tróia, descrita na *Ilíada*, um dos poemas atribuídos ao grego Homero.

¹² Provavelmente de origens turcas, os hunos foram tribos bárbaras nômades originadas da Ásia Central. Tudo indica que foram os primeiros a domesticar cavalos e criá-los com maestria, usando-os inclusive nas batalhas. Não fixavam residências e viviam em carroças e barracas. Sob a chefia de Átila invadiram a Europa, aproximadamente no século V d.C..

São Remy, atendendo a mútuos interesses, destinando à Igreja os poderes espirituais e reconhecendo Clóvis como o líder supremo do Ocidente, então convencendo os Francos a se converterem ao cristianismo romano. Tal pacto seria futuramente traído pela Igreja, que fez novos acordos com governantes usurpadores, os Carolíngios, em busca de maiores poderes. Um dos sucessores de Clóvis foi Charles Martel, descendente de usurpadores, que deu início a linhagem Carolíngia.

Segundo estudiosos, com base em documentos ainda disponíveis, não há dúvidas de que a dinastia Merovíngia sobrevive nos dias atuais, com sua ascendência rastreada até o Velho Testamento. Também não existem dúvidas de que as muitas ações do Monastério do Sinai e outras congregações similares, provavelmente interligadas, como Rozacruz, Maçonaria, etc., agiram intensamente nos últimos séculos, influenciando gerações, alterando o curso de acontecimentos, ou tentando fazê-lo, para isso não raro lançando mão de “*psicologia de massas*”, de poder político e de altas finanças.

O VELHO E O NOVO TESTAMENTOS

Originado do povo Hebreu¹³, ou Judeu, e fonte de importantes dados históricos que incluem a descendência da família de Jesus, além de serem a base dos documentos hoje conhecidos como Novo Testamento, o Antigo Testamento - Tanakh ou Escrituras Hebraicas - é composto por 46 livros, divididos em três grupos; “*A Lei*”, ou Torá, que são os primeiros 5 livros e tratam da história sagrada do povo de Israel, “*Os Profetas*” e “*Os Escritos*”. Tendo sua criação declarada como iniciada em aproximadamente 1700 a.C., todos os livros versam sobre as relações entre Deus e o povo Hebreu e sobre a criação do mundo, até seu povoamento. Sua organização inicial é atribuída a Moisés, depois continuada por Josué¹⁴, no século II a I a.C., até o Concílio Judaico de Jamnia¹⁵, em 95 d.C.

A tradição cristã reconhece e divide o antigo Antigo Testamento em diferentes partes, reordenando os livros por categorias, em quatro grupos; Pentateuco (ou Torá), História, Poesia e Sapiência e Profetas.

¹³ Por volta de 1450 a.C. o povo Hebreu, semita, teve que partir do Egito, de onde foi expulso, chegando então à Palestina, região já ocupada pelos filisteus, povo indo-europeu que deu origem aos palestinos. De início os Hebreus fixaram-se nas regiões localizadas a oeste do Mar Morto, mas aos poucos ocuparam as margens do Mediterrâneo e as terras do norte da Palestina. No século XII a.C., os chamados povos do mar, entre eles os filisteus, ocuparam as planícies litorais. As constantes lutas entre filisteus e hebreus, motivadas pela posse de terras, terminaram com a vitória dos hebreus. No século X a.C., aproveitando o enfraquecimento dos grandes impérios vizinhos, a Palestina expandiu seu território. O país, que alcançou o seu apogeu ao longo dos reinados de David e Salomão, foi mais tarde dividido em dois reinos: Israel, ao norte, e Judá, ao sul. Em 721 a.C. Sargão II conquistou o país e Israel foi transformado em território da Assíria, deportando a maior parte de seus habitantes. No sul, o reino de Judá conservou sua precária independência até 587 a.C., quando Nabucodonosor o arrasou e deportou sua população para a Babilônia. Em 539 a.C. o imperador persa Ciro o Grande apoderou-se da Babilônia e muitos hebreus regressaram à Palestina. Depois da conquista do Império Persa pelo macedônio Alexandre o Grande, a Palestina ficou submetida à influência Helenística.

¹⁴ Josué ou Joshua, ou ainda Oseias, significa “Jeová Salva” ou “Jeová é Salvação”. Filho de Num, da Tribo de Efraim, Josué foi ajudante do profeta Moisés durante o êxodo dos israelitas do Egito, durante os 40 anos em que cruzaram o deserto do Sinai. Depois da morte de Moisés ele liderou o povo de Israel na conquista das cidades da terra de Canaã, ou Terra Santa.

¹⁵ O Concílio de Jâmnia foi realizado no final do século I d.C. e destinado a identificar um rumo para o judaísmo, após a destruição de Jerusalém e seu Templo, por Tito, no ano 70 d.C.. Nesse concílio os participantes decidiram considerar como textos canônicos do judaísmo apenas os que existiam em língua hebraica e que remontassem ao tempo do profeta Esdras.

Pentateuco (Torá)	Livros Históricos	Livros Poéticos e Sapienciais	Livros Proféticos
<ul style="list-style-type: none"> • Gênesis • Êxodo • Levítico • Números • Deuteronômio 	<ul style="list-style-type: none"> • Josué • Juízes • Rute • I Samuel • II Samuel • I Reis • II Reis • I Crônicas • II Crônicas • Esdras • Neemias • Tobias • Judite • Ester • I Macabeus • II Macabeus 	<ul style="list-style-type: none"> • Jó (ou Job) • Salmos • Provérbios • Eclesiastes (Coélet) • Cânticos dos Cânticos • Sabedoria • Eclesiástico (Sirácida) 	<ul style="list-style-type: none"> • Isaías • Jeremias • Lamentações • Baruc • Ezequiel • Daniel • Oséias • Joel • Amós • Obadias (ou Abdias) • Jonas • Miquéias • Naum • Habacuque (ou Habacuc) • Sofonias • Ageu • Zacarias • Malaquias

Das 12 tribos de Israel, que chegaram à Terra Santa e teriam recebido de Moisés os sagrados direitos e deveres sobre a região, abençoando seus patriarcas, a tribo dos Benjamitas tem particular destaque nos registros. O dia consagrado ao seu líder, Benjamin, era 23 de dezembro, mesmo dia depois atribuído pela Igreja Romana a São Dagobert. Entre os clãs que integravam a tribo de Benjamin, um era o de Ahiran, do qual fazia parte Hiram Abiff, o construtor do Templo de Salomão, que depois foi reconhecido como figura central na tradição maçônica.

Entre as 14 cidades pertencentes aos Benjamitas, uma era Sela, que depois deu origem à cidade sagrada de Jerusalém¹⁶, capital dos reinados de Saul, um Benjamita, e de Davi e Salomão, ambos da tribo de Judá. Segundo registros, por ocorrências retratadas em lendas, os Benjamitas teriam passado por período de fortes hostilidades das outras 11 tribos, depois se recuperando e tornando-se uma das mais importantes. Dentre os benjamitas surgiu Saul, consagrado pelo profeta Samuel¹⁷ como o primeiro Rei de Israel, depois deposto por Davi, da tribo de Judá, que foi sucedido por Salomão, seu filho. Jesus, que pertencia à tribo de Judá, descendendo de Davi, teria se casado com Madalena, uma descendente de Saul, rei Benjamita, **por essa razão tornando-se sucessor ao trono das duas tribos**.

Seriam também Benjamitas os ascendentes e descendentes de Godfroi de Bouillon, que 2000 anos depois retomou Jerusalém das mãos dos muçulmanos¹⁸ e tornou-se seu governante, sendo também o **fundador da secreta Ordem do Sion, ou Sinai**, depois **Monastério de Sion**, que por sua vez teria criado o grupo ou a ordem dos **Templários**, além de outras instituições secretas. Diversas das organizações criadas pelo Monastério de Sion, e pelos Templários, sobrevivem no tempo atual, juntamente com outras, similares, que se contrapõe ou se unem intermitentemente ao longo do tempo, segundo respectivos interesses, de diversos calibres.

No século II a.C., segundo livros apócrifos¹⁹ dos Macabeus²⁰, um reino judaico viveu na Palestina. Por volta de 63 a.C. essa região estava fragilizada por turbulências locais, e

¹⁶ Jerusalém é atualmente capital de Israel, assim declarada, mas não inteiramente reconhecida pela comunidade internacional. É hoje a maior cidade de Israel, tanto em população quanto em área. Está localizada entre o Mar Mediterrâneo e o norte do Mar Morto. Com sua história datando do IV milênio a.C., é considerada uma das mais antigas cidades do mundo e reconhecida como patrimônio mundial. A construção do seu Primeiro Templo é atribuída ao Rei Salomão. Considerada como centro espiritual desde o século X a.C., contém significativo número de antigos lugares tidos como sagrados, sendo reclamada como Cidade Santa por judeus, cristãos e muçulmanos. Hospeda importantes centros religiosos, como o Templo de Salomão, o Segundo Templo, ou Templo de Herodes, a Esplanada das Mesquitas, o Muro das Lamentações, o Santo Sepulcro, a Cúpula da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa. Por volta do século XIX foi "dividida" em quatro grandes setores, com bairros armênio, cristão, judeu e muçulmano. No curso da história, Jerusalém foi destruída 2 vezes, sitiada 23 vezes, atacada 52 vezes, e capturada e recapturada 44 vezes. Em 1967, na "guerra dos seis dias", Israel tomou dos palestinos a região leste de Jerusalém, ato que até hoje constitui um dos mais graves problemas nos conflitos entre israelenses e palestinos. Em 1982 a parte antiga da cidade foi incluída na lista de "patrimônio mundial em perigo".

¹⁷ Samuel, que viveu por volta de 1095 a.C, foi sacerdote, o último dos juizes de Israel e o primeiro dos profetas da Terra Santa. Em seu tempo a Terra Santa era governada por juizes, que eram sacerdotes e administradores das diversas tribos que tentavam viver organizadamente, mas sentiam a necessidade da liderança de um rei, por eles considerado como um messias sacerdote abençoado por Deus. Em razão disso, Samuel ungiu e abençoou primeiro Saul e depois Davi, como os dois primeiros reis de Israel.

¹⁸ Muçulmano é designativo de seguidor da religião monoteísta chamada de Islão, ou Islã, ou ainda islamismo, surgida no século VII, na Península Arábica, tendo como base os ensinamentos do Alcorão, ou Corão, sua escritura sagrada, e do seu profeta Maomé. Na visão muçulmana, o Islão surgiu com a criação do homem, Adão, considerado por eles como o primeiro dos muitos profetas islâmicos, sendo Maomé o último deles.

¹⁹ São considerados apócrifos os escritos tidos como sagrados, mas não incluídos pela Igreja no cânon das escrituras que seriam "autênticas e divinamente inspiradas".

sujeita a conquistas, sendo então tomada pelo exército de Pompeu, que impôs na região a Lei Romana, dando a romanos e árabes os cargos administrativos mais importantes, mas também usando alguns hebreus, principalmente os Saduceus, casta de sacerdotes. Nesse mesmo ano, 63 a.C., Antipater assumiu o governo. Em 37 a.C. ele foi sucedido por seu filho, Herodes²¹, o grande. Na época, o povo hebreu local podia ter a sua própria crença, mas a autoridade final e absoluta era de Roma. Em 6 d.C., com a situação política local crítica, em razão das hostilidades existentes, Roma dividiu a província em duas; Judéia, com um governador empossado por Roma, e Galiléia, onde os descendentes de Herodes continuariam a governar. Ao assumir o controle da Judéia, os romanos crucificaram mais de 2000 “rebeldes” palestinos. De 26 d.C. até 36 d.C. a Judéia foi governada pelo procurador **Pôncio Pilatus**.

Ao longo de centenas de anos antes do nascimento de Jesus, os hebreus já haviam tido muitos líderes profetas ou messias, exercendo o sacerdócio e reinado, a exemplo de Abraão, Moisés, Isaías, Ezequiel, Malaquias, Samuel, Saul, Davi e Salomão, além de também diversas mulheres, igualmente tidas como profetas, como Sara, Miriam, Devorah, Ana (mãe do profeta Samuel), Abigail (esposa do rei Davi), Hulda, Ester, Rebeca, Raquel e Lia.

Alguns séculos antes do nascimento de Jesus, as profecias judaicas de Zacarias indicavam que dois messias, **talvez gêmeos**, chegariam para livrá-los dos opressores. **Um seria o messias sacerdote**, intérprete da lei divina, que presidiria a vida espiritual do seu povo. **O outro seria o messias guerreiro**, que libertaria seu povo dos opressores, ainda que pelo uso da espada e de proezas militares, como haviam feito Davi e Salomão. Diversas escrituras sagradas, condenadas pela Igreja e consideradas apócrifas, relatam o nascimento de gêmeos no seio de família descendente de Davi, um deles sendo **Jesus** e o outro **Tomé**.

Muitos documentos apócrifos relatam a sobrevivência dos “*Desposynis*”, identificação na época dada para a família de Jesus, afirmando que muitos se tornaram chefes de várias igrejas cristãs. Registram, por exemplo, que em 318 d.C., no Palácio de Latrão, Silvestre, o bispo de Roma, encontrou-se pessoalmente com oito líderes “*Desposyni*”, cada um dos quais na chefia de uma ramificação da Igreja, que nessa ocasião pediram que fosse revogada a confirmação dos bispos de Jerusalém, Antioquia, Éfeso e Alexandria, que as igrejas cristãs “*voltassem*” a enviar dinheiro para a Igreja Desposyni de Jerusalém, e que esta deveria voltar a ser considerada a Igreja-Mãe definitiva. Também está declarado que os pedidos foram imediata e integralmente recusados. Existem ainda textos que relatam diálogos de Jesus, que falam em **Tomé** identificando-o como “*meu irmão*”, “*meu gêmeo*”, “*meu segundo messias*”.

Na Terra Santa do tempo de Jesus era comum o surgimento de pretensos messias, que geralmente eram esquecidos em pouco tempo, e fervilhavam diferentes seitas entre os Hebreus, organizadas e unidas no respeito a mesmos profetas históricos, bem como nas profecias sobre aqueles ainda esperados, e também no empenho à luta contra Roma.

Entretanto, defendendo poderes e interesses individuais e/ou de grupos, mantinham conflitos entre si e não tinham convivência pacífica na prática religiosa, onde não era incomum cultuarem diferentes costumes e interpretações dos livros sagrados, às vezes chegando a rivalidades acentuadas. Embora os Evangelhos do Novo Testamento cite apenas as seitas dos Fariseus e Saduceus, que retratam como sendo “*vilões*”, entre outras seguramente existiram;

²⁰ Macabeus, ou hasmoneus, foram membros de família judaica que liderou a revolta contra o domínio do império selêucida (estado político helenista - grego -, que existiu após a morte de Alexandre III, da Macedônia) e fundou uma dinastia de reis da Judéia entre 140 a.C. e 37 a.C.. O integrante mais conhecido foi Judas Macabeu, assim apelidado devido à sua força e determinação. Lideraram o movimento que levou à independência da Judéia, reconsagrando o Templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 63 a.C..

²¹ Nascido na região de Iduméia, desértica e não judaica, Herodes foi um rei usurpador, imposto pelos romanos, descrito como “um louco que assassinou sua própria família e inúmeros rabinos”, reinando na Palestina de 37 a.C até 4 a.C.. Nas várias tentativas de cativar o povo judeu, entre diversas e colossais construções realizadas em Jerusalém, foi responsável pela construção do “Segundo Templo”, por vezes chamado de Templo de Herodes.

- **Fariseus** - Grupo progressista que introduziu importantes reformas no judaísmo, se opunha frontalmente à Roma e reunia os maiores nomes do pensamento judaico daquela época. Nicodemos foi um deles. Jesus teria sido instruído num contexto fariseu. Grande parte de seus ensinamentos e de suas palavras continham princípios do pensamento farisaico.
- **Nazoritas** - Ou “nazireus”, que no Torá significa “*consagrado*” ou “*separado*”, e designa pessoa que se consagra a Deus. Segundo a Bíblia, a marca mais comum da “*separação*” dessa pessoa era o uso do cabelo longo, não cortado. Samuel e Sansão eram nazoritas.
- **Essênios** - Eram ascetas²² rigorosos, usavam vestimentas brancas, mergulhavam em estudos esotéricos, astrologia, numerologia e várias outras disciplinas, nutriam grande interesse pela medicina, produziam tratados sobre propriedades terapêuticas de ervas e minerais, praticavam curas e eram altamente considerados pelos seus conhecimentos terapêuticos. João Batista, primo de Jesus que o batizou no rio Jordão, era um essênio. Acreditavam e pregavam que o “*Final dos Tempos*” estava próximo, que o advento de um ou de dois messias era iminente, e que os homens só se tornavam verdadeiramente maduros após os 30 anos, quando deveriam ser iniciados nos níveis mais elevados da seita. Existem fortes evidências de que Jesus conhecia muito bem a doutrina e as práticas dos Essênios, principalmente as medicinais. Em razão das crenças dos Essênios, também pode ser considerado no mínimo curioso o fato de Jesus ter iniciado ou intensificado suas pregações públicas somente após os 30 anos.
- **Saduceus** - Era seita considerada como a “*casta sacerdotal*”, que detinha o monopólio sobre as atividades do Templo Sagrado, consagrava seus sacerdotes e controlava seus serviços. Seus integrantes exerciam muitos cargos civis e administrativos da cidade, o que facilitou e estimulou suas íntimas ligações como colaboradores dos romanos, com isso recebendo o desprezo e rejeição de seus conterrâneos. Incomodaram-se com o advento de Jesus, que aspirava o trono de rei de Israel, e com isso implicitamente o cargo de sacerdote do Templo Sagrado, razão pela qual incitaram a sua prisão, juntamente com os romanos, que também estavam inseguros em relação aos distúrbios públicos por ele provocados, e pela possibilidade do surgimento de novo monarca popular. Combateram e perseguiram também os Nazarenos, pelo apoio que davam a Jesus, principalmente depois da crucificação, quando eles intensificaram as atividades na pregação dos ensinamentos de Jesus, segundo e conforme os fundamentos ortodoxos judaicos. Um fervoroso Saduceu, ou agente dos mesmos, foi Saulo, ou Saul de Tarso, que depois trocou o nome para Paulo, e passou de furioso perseguidor e assassino dos Nazarenos, para um “*pregador*” que deformou as orientações dos Nazarenos e, por isso, foi por eles considerado como um “*rebelde*”.
- **Nazarenos**²³ - Ou “*Zadoquistas*”, ou ainda “*filhos de Zadoq*”²⁴, foi seita a qual pertenceram Jesus e seus familiares, razão Dele ser identificado como “*Jesus o Nazareno*”. Constituíram forte e dinâmico grupo que apoiou Jesus em sua carreira. Depois da crucificação, liderados por Tiago, irmão de Jesus, deram continuidade à pregação de seus ensinamentos, conforme os princípios ortodoxo-judaicos. Identificavam Jesus como um **ser humano** especial e divinamente inspirado, que foi consagrado como messias e rei de Israel por direitos hereditários. Em razão de suas atividades, tanto romanos quanto algumas seitas de seus compatriotas judeus, principalmente os Saduceus, passaram a considerá-los como “*subversivos*”, sendo então perseguidos e assassinados. Após a morte de Tiago, por volta de 62 a 65 d.C., Simeão, seu primo, o sucedeu na liderança dos Nazarenos.

²² Ascese é prática que leva à efetiva realização da virtude e à plenitude da vida moral

²³ É equivocada a identificação de Jesus como “sendo de Nazaré”, cidade que só veio a existir no século III ou IV d.C.. A confusão pode ter origem no fato de Jesus pertencer à seita dos nazarenos, e por essa razão ser chamado de “Jesus o Nazareno”.

²⁴ Zadoq era nome próprio e/ou adotado como identificação de linhagem de sacerdotes.

- **Zelotes** - Não constituíram seita, mas sim, grande, forte e organizado grupo armado, criado e comandado por Judas da Galiléia, integrado por revolucionários das diversas seitas. Se opunham aos romanos, que os chamavam de “*lestes*” ou “*lestais*”, e eram também conhecidos por “*sicariis*”, ou “*sicários*”, ou “*homens do punhal*”, em razão de um pequeno punhal, ou “*sica*”, de ponta recurvada, que portavam e usavam em assassinatos, principalmente de políticos. Eram também identificados como “*zelosos no cumprimento dos bons serviços*”. Defendiam ferrenhamente idéias como: “*o inimigo era Roma*”; “*nenhum judeu devia pagar tributos aos romanos*”; “*nenhum judeu devia reconhecer o imperador romano como seu senhor*”; “*não havia outro senhor, senão o Deus de Abraão*”; “*Deus conferira a Israel um direito inato único, celebrado em pacto com David e Salomão*”; “*a missão patriótica e religiosa de todo judeu era lutar por esse direito, e pela restauração de um soberano legítimo, que governaria o reino de Israel*”.

Há evidências de que Jesus, ligado principalmente aos Nazarenos e aos Essênios, teria militado entre os Zelotes e tinha seu apoio. Seguramente, muitos de seus seguidores eram desse grupo. Os Zelotes mantiveram-se ativos até 66 d.C., quando, principalmente por eles instigados, toda a Judéia levantou-se contra Roma, em ingratas lutas onde mais de vinte mil judeus foram massacrados. Em quatro anos as legiões romanas ocuparam Jerusalém, arrasando a cidade, saqueando e destruindo o Templo Sagrado. Depois disso o clima de guerra permaneceu latente até 132 d.C, quando outra rebelião aconteceu. Foi interrompida em 135 d.C., quando o imperador Hadrian expulsou todos os Judeus da Judéia, tornando Jerusalém uma cidade romana, então rebatizada como Aelia Capitolina.

As muitas traduções e versões dos escritos daquela época, a censura eclesiástica e a política, as modificações intencionalmente produzidas na história da vida e obra de Jesus, e o prosseguimento das diversificadas pregações em seu nome, distorceram fatos, nomes e atos de pessoas e grupos. Confrontados com documentos apócrifos, muitos deles, com segurança são destacados nomes e fatos relevantes a eles pertinentes, conforme seguem alguns.

- **Tiago** - Foi um dos irmãos de Jesus que, após a crucificação, liderou os nazarenos na pregação das mensagens de Jesus, com base nos fundamentos judaicos, no Velho Testamento e na forma por Ele ensinada. Por contrariar os sacerdotes do Templo Sagrado, os Saduceus, que viam Jesus como um revolucionário que pretendia lhes retirar o sacerdócio e ocupar o trono de Israel, Tiago foi perseguido pelos Saduceus e também pelos romanos, que não aceitavam lideranças que se opunham aos seus mandamentos, e viam Jesus como fonte de muitos problemas. Após a morte de Tiago, por volta de 62 a 65 d.C., Simeão, seu primo o sucedeu na liderança dos nazarenos.
- **Paulo** - Cerca de um ano depois da crucificação destacou-se um fanático Saduceu, ou agente dos mesmos, chamado Saulo, ou Saul de Tarso. Inicialmente era um furioso perseguidor e assassino dos Nazarenos, sobre quem abertamente declarava que “*perseguia até a morte*”. Acabou se convertendo e se transformando em influente pregador, e, depois, em baluarte da Igreja romana.

Ao atravessar o deserto para capturar um grupo de nazarenos em Damasco, na Síria, passou por uma insolação que o teria derrubado do cavalo. Nesse episódio declarou ter recebido uma visão de Jesus, que com ele conversou e lhe teria ordenado a missão divina.

Com base nisso abandonou o nome de Saul e adotou o nome de Paulo, iniciando pregação cristã sob princípios próprios e diferentes das orientações de seus conterrâneos, estendendo-a para além da Terra Santa, até a Ásia e a Grécia. Transferiu para a propagação daquilo que entendia ser a mensagem de Jesus, o mesmo fanatismo com que antes perseguia os Nazarenos.

Contrariando os ensinamentos dos Nazarenos, passou a declarar Jesus como divino, e a interpretar à sua maneira seus ensinamentos, fundindo seus pensamentos com

diferentes crenças, vindas de anteriores e milenares deuses ou profetas, pagãos ou não, a exemplo de Tamuz, Mitra, Osíres, Átis, Adônis, Dionísio, Zoroastro e outros.

Amalgamando conceitos, passou a pregar que: “Jesus teria sido gerado por Deus com uma virgem; como um dos deuses pagãos, teria morrido com uma chaga no flanco e três dias depois se levantou do túmulo; que chegaria o dia do julgamento e juízo final; que existia a ressurreição da carne e também a vida após a morte; que, como outro dos profetas, teria nascido em uma caverna ou gruta, onde pastores o visitaram e levaram presentes; que ‘aquele que não comesse de sua carne e não tomasse do seu sangue não se salvaria’”. Com essas premissas e “seus novos ensinamentos”, Paulo deu os primeiros passos em direção à nova forma de crença, que mais tarde seria cooptada pela futura Igreja Romana, sendo então eleito seu patrono, na condição de São Paulo.

- **Pedro** - Simão Pedro, ou Simão “pétreo”, ou Simão “duro como a pedra”, foi um pescador humilde que passou a seguir Jesus, se transformando em um dos seus principais protetores e homem de confiança. Desiludido com a crucificação de seu senhor, esperando a chegada do “juízo final”, e pressionado pela perseguição dos romanos e pela turbulência da época, foi convencido e convertido por Saul de Tarso, o Paulo, adotou o “pensamento paulino” e deu continuidade às pregações de seu novo mentor, com o mesmo e grande ardor religioso que já possuía, levando a futura Igreja romana a considerá-lo como seu primeiro bispo, como o fundador do papado e o primeiro chefe da Igreja, que consagrava o triunfo de Paulo.
- **Judas Iscariotes** - Foi estigmatizado como o “traidor de Jesus”. Na realidade foi o escolhido por Jesus para encenar uma pretensa traição, que levaria Jesus ao julgamento que havia sido planejado, conforme deveria acontecer com o messias esperado por Zacarias, segundo as previsões proféticas. Mais que isso, dezenas de passagens declaradas nas escrituras, principalmente as apócrifas e as “heresias”, mostram que Judas era também irmão de Jesus, e que, contrariado, aceitou essa ingrata missão.

Uma das fortes evidências da encenação é o fato dele ter sido antecipadamente apontado e declarado como “traidor”, antes mesmo de cometer o ato, e Jesus, e nenhum dos seus seguidores, ter sequer tentado evitar tal “traição”, não só deixando-o partir para cumprir a profecia de Zacarias, mas sendo ordenado a fazê-lo. As transcrições dos diálogos entre ele e Jesus mostram que gozava de sua confiança e era frequentemente chamado de irmão. Existem evidências consideráveis de que Judas poderia ter sido o mesmo personagem identificado como Tiago, ou Simão Tiago, que liderou os Nazarenos na pregação da mensagem de Jesus, durante alguns anos após a crucificação.

- **São Tomé, ou São Thomas ou Tomé Didymus** - Tomé não é um prenome, mas sim, palavra equivalente a *gêmeo*, vindo do aramaico “tau'ma”, posteriormente traduzido para o grego como *Didymus*, que também significa gêmeo. São Tomé, ou São Thomas, “o descrente”, é também identificado como “Judas Tomé” e citado no Evangelho de Tomé, apócrifo, onde um dos relatos conta que um jovem, ao ver em Jesus a imagem do apóstolo Judas Tomé, teria ouvido do Senhor: “Não sou Judas, que é também Tomé, sou o irmão dele”. São muitos os registros que confirmam ser ele gêmeo de Jesus, principalmente os famosos manuscritos apócrifos do Mar Morto e de Nag Hammadi.

A vida de Jesus transcorreu durante esse conturbado período de revoluções, que se prolongou por 140 anos. No estudo da sequência histórica é relevante considerar a distinção entre o Jesus da história, com avaliação imparcial de sua vida, e dos verdadeiros atos de um ser humano especial, incomparável e divinamente inspirado, e o Jesus da fé, na condição em que é apresentado pela Igreja, descrito e imposto sob diversas condições e perspectivas divinas, muitas de forma preconcebidas e supostamente “incontestáveis”.

As diversificadas versões que nos chegam documentadas, mostram Jesus ora como um judeu revolucionário, ora como um milagreiro, que na época proliferavam às dezenas na Terra Santa, em outras como um verdadeiro rei, ou pretendente ao trono, e ainda como a

revelação do esperado messias salvador de seu povo. Acredita-se que todas essas versões envolvam verdades e muito de mitos.

O Novo Testamento, conjunto de 26 livros, é dividido em quatro grupos identificados como Evangelhos, conforme seus criadores; Evangelho de Marcos (1º), de Lucas (2º), de Mateus (3º) e de João (4º). Os três primeiros são conhecidos como “sinóticos”, ou “vistos com um olho”, ou com “vistos com olho no olho”, o que de fato não acontece, como a seguir descrito, por comprovações em profundos estudos. Um dos livros, talvez o mais significativo, é o “Atos dos Apóstolos”, em razão de provavelmente ter sido o menos modificado.

Os Evangelhos do Novo Testamento não foram escritos no tempo de Jesus, mas sim muito tempo depois, entre 66 e 100 d.C., portanto, certamente compõem relatos de quem viveu nos tempos de Jesus, ou, mais provavelmente, da transcrição de documentos, grande parte depois destruída, ou ainda pelo uso de tradições orais.

É importante lembrar que, necessitando conseguir a sobrevivência de seus livros, os escritores da época deveriam ter a aprovação dos romanos, senhores absolutos, portanto, não poderiam incluir fatos que, de qualquer forma, os incriminasse ou ofendesse, exigindo a necessidade de, então, encontrar alguém, ou um povo, para transferir as culpas romanas da época. Nada mais oportuno que a escolha dos judeus, que eram opositores dos romanos. Por essa razão, entre outros “crimes”, os judeus são declarados como “*culpados pela morte de Jesus*”. Além disso, nenhum dos originais do Novo Testamento permaneceu completo após a realização do **Concílio de Niceia, em 325 d.C.**, quando passaram por forte censura da Igreja e de Constantino, tendo grande parte de seus textos alterados, excluídos e/ou destruídos, daí surgindo a Bíblia Cristã.

O primeiro Evangelho teria sido escrito por Marcos, entre 66 e 74 d.C., que deve ter sido companheiro de São Paulo, uma vez que seus relatos contêm predominantemente o “*pensamento paulino*”, que foi a base para a criação dos novos dogmas da renovada Igreja Romana, durante o **Concílio de Niceia, em 325 d.C.**, sob Constantino. Foi escrito em Roma e ostensivamente voltado para uma audiência greco-romana, o que confirma a ausência de imputação de culpas e responsabilidades aos romanos, com a consequente “*condenação*” dos judeus.

O segundo, de Lucas, teria sido escrito por volta de 80 d.C., em Cesaréia, capital romana da Palestina. Lucas teria sido um médico grego que escreveu seu trabalho por encomenda de um oficial romano, portanto, também sendo obrigado a inocentar romanos, transferindo culpas para os judeus.

Aproximadamente em 85 d.C., Mateus, provavelmente um judeu palestino, escreve seu Evangelho utilizando mais da metade do Evangelho de Marcos, mas, este, escrito em grego e trazendo fortes influências daquele povo. Esse Mateus não deve ser confundido com o discípulo Mateus, que viveu muito antes, na época de Jesus.

O quarto Evangelho, de João, teria sido escrito no período de 100 d.C., em Éfeso, na Turquia. É atribuído a “*João*”, mas nenhum ponto de seus escritos indica que um “*João*” o escreveu, fato somente imputado posteriormente. Bastante diferente dos antecessores, não tem em seu conteúdo muitos dos acontecimentos abordados pelos outros, a exemplo das cenas de natal e do nascimento de Jesus. Tem sua introdução praticamente gnóstica²⁵, em textos de natureza mais mística que os anteriores. Descreve ocorrências não contidas nos demais, como o “*casamento de Canaã*”, que seria o de Jesus com Madalena, atos vividos por Nicodemos²⁶, relatos sobre José de Arimatéia, cita a cura de Lázaro e outros

²⁵ Gnose, ou gnosticismo, é ecletismo filosófico religioso, surgido nos primeiros séculos da nossa era e diversificado por adoção em numerosas seitas. Visava o estudo e conciliação de todas as religiões, esclarecendo e explicando seus sentidos mais profundos, portanto, se opondo à fé incontestável exigida pela Igreja. Ecletismo é a reunião de elementos doutrinários de origens diversas, que não chegam a se articular em unidade sistemática consistente.

²⁶ Nicodemos foi um fariseu membro do Sinédrio (associação de 23 juízes hebreus, existente em cada cidade judaica e subordinada ao Sanhedrin), mestre da lei e favorável a Jesus. Segundo o Evangelho de João, esteve ligado a Jesus em três oportunidades; na primeira ele o visita para ouvir seus ensinamentos; na segunda, durante a Festa do Tabernáculo (festa da colheita dos hebreus), versa sobre a lei relativa à detenção de Jesus; e na terceira, após a crucificação, ajuda José de Arimatéia na preparação do corpo de Jesus para o enterro.

importantes fatos históricos. Apesar de ser o mais tardio, historiadores o vêem como o mais realista e o mais digno de confiança, em razão da maior precisão nas descrições geográficas da época e dos detalhes históricos citados, que podem ser confirmados por outros documentos. Aborda principalmente os acontecimentos na Judéia e em Jerusalém, na época em que é concluída a carreira de Jesus. Sua detalhada narrativa da crucificação demonstra que é narrada por testemunho ocular.

Estudiosos veem o quarto Evangelho, de João, como composto por narrativas primitivas e autênticas. Existem evidências de que seu autor seria na realidade Lázaro, irmão de Madalena, portanto, cunhado de Jesus, que teria sido seu mais fiel e leal seguidor, também chamado como “o discípulo amado” ou “aquele a quem Jesus amava”. De acordo com a tradição posterior, a mãe de Jesus teria morrido no exílio, em Éfeso, onde esse quarto Evangelho surgiu. Nesse quarto Evangelho é explicitamente afirmado que Jesus era um rei genuíno, de sangue real e descendente de Davi e Salomão, portanto, se ainda não o era de fato, seria um pretendente ao trono de rei dos judeus.

Os documentos originais dos quatro Evangelhos, de Marcos, Lucas, Mateus e João, que compõem o chamado “Novo Testamento”, **tiveram significativas alterações em 325 d.C., durante o Concílio de Niceia**, dando origem aos livros hoje conhecidos e adotados pela Igreja. Além disso, não são integrados e coerentes, como a maioria pensa, mas são conflitantes e se contradizem fortemente em muitos pontos importantes, alguns a seguir destacados.

- Mateus afirma que Jesus era aristocrata, se não um rei legítimo, descendente de Davi, via Salomão, reis judeus da Terra Santa. Lucas afirma que, embora descendente da casa de Davi, Jesus era de “classe menos elevada”. Por meio de Marcos surgiu a lenda do “pobre carpinteiro”, condição depois adotada pela Igreja romana.
- De acordo com Lucas, o recém-nascido Jesus foi visitado por pastores. Conforme Mateus, ele foi visitado por reis. Lucas afirma que a família de Jesus vivia em Nazaré e que teria ido à Belém para um censo, que documentos históricos nunca demonstraram ter existido, e que ali Jesus teria nascido em uma pobre manjedoura. Em contraposição, Mateus afirma que a família de Jesus havia sido abastada, sempre vivendo em Belém, onde Jesus nasceu em uma casa privilegiada. Além disso, **Nazaré ainda não existia naquele tempo**, só surgindo como cidade no século III ou IV d.C.
- Existem contradições até mesmo sobre a crucificação. João afirma que aconteceu no dia anterior à celebração da libertação dos judeus, quando eram escravos no Egito. Marcos, Lucas e Mateus dizem que ocorreu um dia depois. Em Mateus e Marcos as últimas palavras de Jesus na cruz foram; “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?*”. Em Lucas as palavras foram: “*Pai, perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem.*”. João (ou Lázaro) afirma que foi simplesmente: “*Está terminado.*”.
- De acordo com Lucas, Jesus era um salvador humilde como um cordeiro. Mateus o mostra como um poderoso e majestoso soberano, que “*veio trazer a espada e não a paz*”.
- Lázaro, citado na história como “o discípulo amado” ou “aquele a quem Jesus amava”, e considerado por muitos historiadores como cunhado de Jesus, portanto, irmão de Madalena, assim é considerado e detalhado no Evangelho de João, mas quase nada sobre ele é citado por Lucas, Mateus e Marcos, que simplesmente o omitem, intencionalmente, é provável. Segundo estudiosos atuais, suspeita-se que o João, editor do quarto Evangelho, tenha sido um codinome do próprio Lázaro.

É grande o volume de textos alterados e de documentos excluídos dos quatro evangelhos e da Bíblia, ocorrências conhecidas e confirmadas tempos depois, por meio de muitos documentos originais encontrados e identificados como apócrifos. Entre as muitas provas da parcialidade no registro dos fatos históricos, podem ser destacados como exemplos importantes os que seguem.

- O Evangelho de Pedro, localizado em 1886 no vale do Alto Nilo, e que em 180 d.C. havia sido citado pelo então bispo de Antióquia, faz afirmações conflitantes com os documentos tradicionais, a exemplo de que José de Arimatéia era amigo íntimo de Pôncio Pilatos, reforçando a teoria de conspiração entre eles na crucificação de Jesus. Narra que Jesus teria sido enterrado num lugar chamado “*o jardim de José*” e que suas últimas palavras foram “*Meu poder, meu poder, porque me abandonastes?*” Outro documento apócrifo, datado do século II, ou antes, declara Jesus como uma criança brilhante, eminentemente humana, rebelde, desobediente e predisposto a exercícios temperamentais de seus poderes.
- Em dezembro de 1945, em Nag Hammadi, no Egito, um camponês encontrou um jarro de cerâmica contendo treze documentos, compondo uma coleção de textos, livros e manuscritos em papiro. Todos eram cópias editadas aproximadamente em 400 d.C., cujos documentos originais seriam de mais ou menos 150 d.C. Antes de sua descoberta, diversos deles tinham sido mencionados em outros documentos da igreja. Esse conjunto, hoje chamado de “*Manuscritos de Nag Hammadi*”, contém diversos “*Evangelhos Gnósticos*”, entre eles o “*Evangelho de Tomás*”, o “*Evangelho da Verdade*” e o “*Evangelho dos Egípcios*”, todos antes mencionados em outros textos editados pelos primeiros Padres da Igreja, como Clemente da Alexandria, Irenaeus e Orígenes.

Por terem escapado da censura estabelecida na revisão da ortodoxia romana, e sendo escritos para uma audiência egípcia, e não romana, portanto não tendo que agradar aos romanos, e muito provavelmente escritos por judeus que escaparam das guerras dirigindo-se para o Egito, eles constituem um valioso repositório de declarações possuidoras de veracidade própria e singular.

Entre muitas versões diferentes das apresentadas pela igreja, os manuscritos de Nag Hammadi citam que Jesus escapou da morte na cruz por meio de engenhosa substituição, narra uma disputa de poder e ciúmes entre Pedro e Madalena, um casamento entre Jesus e Madalena, o nascimento de um “*filho do homem*”, e declarações que teriam sido de Jesus, como; “*Eu não sucumbi como eles planejavam. Eu não morri na realidade, mas em aparência, para não ser humilhado por eles. Foi outro, o pai deles, que bebeu a bile e o vinagre, não eu. Eles me atingiram com a lança. Foi outro, Simão, que carregou a cruz nos ombros. Foi outro, sobre quem eles colocaram a coroa de espinhos. Eu ri da ignorância deles.*”

- Descobertos entre 1947 e 1956, em onze cavernas próximo de Qumran, em Israel, a noroeste do Mar Morto, os chamados “*Manuscritos do Mar Morto*” formam uma coleção de cerca de 930 documentos, escritos em hebraico, aramaico e grego, entre o século III a.C. e o primeiro século depois de Cristo. Consiste de pergaminhos, pequena parcela de papiros, com um deles gravado em cobre. Foram classificados em três grupos: “*escritos bíblicos e comentários*”, “*textos apócrifos*” e “*literatura de Qumran*”. A maioria ainda não teve tradução e divulgação. Muitos deles são mil anos mais antigos do que os registros do Velho Testamento, e revelam que também existiam diferentes versões dos textos sagrados hebraicos. Revelam aspectos até então desconhecidos do contexto político e religioso do tempo do nascimento do judaísmo rabínico e do cristianismo. Contém fragmentos de livros das escrituras hebraicas, regras da comunidade, escritos apócrifos, filactérios²⁷, calendários e outros importantes documentos.
- Em 1958, em um monastério próximo de Jerusalém, o professor Morton Smith, da Universidade de Columbia, descobriu uma carta onde o bispo Clemente de Alexandria instigava a supressão de fragmentos inéditos do Evangelho de Marcos, descritos na carta, que realmente foram omitidos nas edições conhecidas.

²⁷ No judaísmo, filactério é par de pequenas caixas de couro usadas ritualmente, amarradas ao braço e à testa por correias, também de couro, e que contêm trechos das Escrituras.

A Bíblia²⁸ respeitada pelos cristãos é uma seleção bastante arbitrária e incompleta de textos, realizada com parcialidade por autoridades da Igreja romana, segundo interesses próprios da época, da Igreja e de políticos no poder, que foi ampliada e referendada sob a supervisão de Constantino em 325 d.C., no Concílio de Niceia, não sem novas e importantes adaptações nos textos do Novo Testamento, praticamente ignorando o Velho Testamento, cujos fundamentos foram quase totalmente abandonados, além de seguir orientações dos dirigentes eclesiásticos da época. Antes, durante e depois desse Concílio, todos os livros e documentos desprezados ou não utilizados foram literalmente destruídos, sob as mais diversas acusações de heresias.

RESUMOS HISTÓRICOS RELEVANTES

Em período de exílio, os Benjamitas estabeleceram-se na Arcádia, do Peloponeso Central, região da Grécia.

Os Merovíngios, via Arcádia, descenderiam dos Benjamitas. Arcádia era governada pelo estado de Esparta.

Escritos relacionados com espartanos e Judeus declaram que eles são irmãos e pertencem à família de Abraão²⁹.

Jesus era da tribo de Judá e da casa real de Davi e Salomão. Madalena era da família real de Benjamim e teria levado o cálice, ou o “sangraal” ou “sangue real” para a França.

Reis fenícios de Tiro, por enlances matrimoniais de suas famílias, cruzaram suas famílias com os reis de Israel e Judá.

Assim como o Monte Sinai, no Egito, a Montanha do Sinai, na região de Lorraine, França, era originalmente chamada de Monte Semita, depois identificada como “A Colina Inspirada”.

No final do século V tornou-se conhecida a Lei Sállica, de origem tribal teutônica, dos Francos. Grande parte do código da Lei Sállica deriva integralmente do Talmud, livro sagrado hebraico.

No século VIII havia no sul da França um potentado da tribo de Judá e da casa real de David, considerado Merovíngio e rei dos judeus.

Os Merovíngios eram das dinastias reais dos Francos e dos Benjamitas. As várias famílias nobres deles descendentes se originaram de fontes semitas. Famílias judaicas e visigóticas se uniram por casamentos, e seus descendentes eram considerados Merovíngios.

Em 1114, Theobald, um monge de Cambridge, afirmava que “os mais importantes príncipes e rabinos dos judeus que existem na Espanha se reúnem em Narbonne”. Em 1143, Pedro, o Venerável, de Cluny, dirigindo-se a Luís VII da França, condenava os judeus de Narbonne, que “*pretendiam possuir um rei entre eles*”. Em 1165, Benjamin de Tudela, famoso viajante e cronista, registrava que em Narbonne existiam “*sábios, magnatas e príncipes, à cabeça*”

²⁸ Dando origem ao nome de Bíblia, foi São Jerônimo que pela primeira vez deu o nome de “Biblioteca Divina” ao conjunto dos livros do Antigo e do Novo Testamentos. Como sinônimo de “Escrituras Sagradas” e “Palavras de Deus”, a Bíblia foi originariamente considerada como uma “coleção de livros divinamente inspirados pelas grandes religiões”, a dos filhos de Abraão, judaísmo, a do cristianismo e do islamismo, que por essa razão são conhecidas como as “Religiões do Livro”. A Bíblia respeitada pelos cristãos foi reeditada em 325 d.C., pelo Concílio de Niceia, com seleção parcial e arbitrária de textos. Em 331 d.C. Constantino mandou imprimir grande volume de cópias, tornando-a intensamente popular.

²⁹ Vivendo aproximadamente em 2000 a.C., Abraão foi um profeta hebreu, personagem bíblico citado no Livro do Gênesis, a partir do qual se desenvolveram três das maiores vertentes religiosas da humanidade; o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. É citado no Livro do Gênesis como a nona geração de Sem, que foi um dos filhos do patriarca Noé, que sobreviveu às águas dilúvio. Segundo as escrituras, a mais provável procedência de Abraão seria a cidade de Ur, dos caldeus, situada no sul da Mesopotâmia, onde seus irmãos também teriam nascido.

dos quais estava um descendente da casa de David, como se vê em sua árvore genealógica”.

Os cátaros eram considerados os guardiões do Cálice Sagrado, que na verdade seria a Linhagem Sagrada de Jesus. Os **Templários** também assim foram considerados, mesmo após a separação do Monastério do Sinai, em 1188, e depois da queda da Terra Santa, em 1291. Com a dissolução dos Templários, entre 1307 e 1314, determinada pelo rei Filipe IV, o Belo, da França, com apoio do papa Clement V, levado ao cargo por Filipe, esse assunto permaneceu historicamente obscurecido, retornando disfarçadamente ao público em 1470, por meio do romance “*A morte de Arthur*”, de Sir Thomas Malory.

Muitos romances sobre o “**Cálice Sagrado**” foram criados, envolvendo os descendentes de Jesus, a Linhagem Sagrada, atribuída também a José de Arimatéia, ou seja, uma linhagem judaica, à cabala e a outros documentos judaicos. Um deles envolve Galahad, chamado herdeiro da casa de Davi, e insinua que Galahad deriva de Gilead, uma designação mística do próprio Jesus.

O Cálice Sagrado é diretamente relacionado a Jesus e Madalena. A família de Jesus era conhecida como “*a família do Cálice*”. Estudiosos entendem que o “*Cálice Sagrado*” pode ser simbolicamente o útero de Madalena, ou a fonte na continuidade da linhagem de Jesus, por meio de seus filhos.

Embora relatos afirmem que o “*Cálice Sagrado*” teria sido levado para a Inglaterra, por José de Arimatéia, existem fortes tradições medievais que indicam que permaneceu na França, com Madalena.

Embora alguns pensem na “*cristandade*” como sendo crença única, existem numerosas formas da mesma, além do catolicismo romano, como a dos anglicanos, dos protestantes, dos luteranos, dos calvinistas, e outros, originados principalmente no século XVI.

Para seus contemporâneos, Jesus não era considerado um Messias, e tampouco divino, mas sim, um mortal especial, inteligente, instruído e iluminado, com pretensões e direitos hereditários à reivindicação do trono de rei dos judeus.

As condições de endeusamento foram inicialmente a ele atribuídas por São Paulo, e séculos depois, em 325 d.C., definitivamente pelo Concílio de Niceia, promovido sob o reinado de Constantino, com quem a Igreja fez um pacto de distribuição de poder. Entretanto, todos os acontecimentos mostram que Ele estava dedicado à busca do respeito e reconhecimento do povo de sua época na condição de um Messias, ou seja, um monarca humano abençoado, e/ou um pretendente ao trono.

Naquele tempo, enunciado pelo profeta Zacarias³⁰, os hebreus esperavam a chegada de um ou dois messias, que os salvaria do jugo opressor. Todos os acontecimentos com Jesus em seus últimos dias foram planejados para coincidir com as profecias da chegada do messias, conforme relatado nos livros sagrados: o batismo feito no rio Jordão por seu primo João Batista, que o reconheceu como messias; sua entrada triunfal em Jerusalém montando um jumento; a visita que em seguida fez ao Templo, com a missão de depurá-lo; a unção que recebeu de Maria de Betânia, ou Madalena, reconhecendo-o como um monarca; as viagens realizadas na região; as curas e as pregações que praticava; a traição por trinta moedas; o julgamento e a crucificação; a ressurreição dentre os mortos; enfim, praticamente todos os atos registrados em seus últimos dias coincidem com as profecias de Zacarias.

Para sua entrada triunfal em Jerusalém, conforme a profecia de Zacarias, Jesus manda buscar um jumento, difícil de ser encontrado na região, indicando a casa e o nome de quem

³⁰ Zacarias foi um dos profetas reconhecidos pelos hebreus, que escreveu o Livro de Zacarias e viveu aproximadamente em 500 a.C.. Profetizou a chegada de dois messias, gêmeos, descendentes da tribo de Judá - a mesma de Jesus -, que seria batizado no rio Jordão, chegaria em Jerusalém montando um jumento, resgataria o Templo Sagrado dos profanadores, seria traído por um dos seus seguidores, por trinta moedas, e por isso seria julgado e morto.

procurar, não deixando dúvidas de que isto já estava previamente preparado. Existem evidências de que Jesus encontrava-se previamente com aqueles a quem depois curava. Além disso, sua militância entre os Essênios, classe de curadores da época, implica no conhecimento de terapias.

Messias, em grego "*Christ*" ou "*Christo*", significa "*o abençoado*" e se refere a um rei. Davi, quando foi abençoado como rei, conforme relatado no Velho Testamento, tornou-se um Messias, ou um Christ. Todos os reis hebreus anteriores e seguintes eram também assim conhecidos. Jesus, recebido pelo povo como um salvador que iria libertá-los do jugo romano, passou depois a ser chamado de "*Jesus, o Messias*", que, traduzido para o grego, torna-se "*Jesus, o Cristo*", então o reconhecendo como um rei abençoado, que teria vindo como um libertador de seu povo, e não como um ser divino, ou um "*filho de Deus*", atributos a ele impostos pelos futuros cristãos, da Igreja fundada em seu nome, que passaram a identificá-lo como Jesus Cristo.

Está claramente definido nos Evangelhos e outros documentos históricos que Jesus tinha dois tipos de seguidores; os "*seguidores da mensagem*", em maior número e formado pelas pessoas comuns da população, que ansiavam pela chegada do libertador e por ver cumpridas as promessas que isso continha, e também os "*seguidores da linhagem, ou da família*", integrado pelos seus familiares, por membros da nobreza, por aliados ricos e influentes, e por grupos de pessoas cultas e abastadas, que tinham como meta ver seu protegido instalado no trono dos judeus. Entre esses estava José de Arimatéia.

O crescimento e o avanço do cristianismo se deram por meio e uso dos "*seguidores da mensagem*", inicialmente nas pregações diferenciadas de Paulo e depois conduzidos por fortes atos da Igreja, que lhes reservaram o poder, com a imposição da crença pela "*fé incontestável*", e, principalmente, em 325 d.C., no Concílio de Niceia, pela condenação do gnosticismo e dos "*seguidores da linhagem, ou da família*". A parcialidade do Novo Testamento e da Bíblia praticamente estabeleceram os dogmas básicos para a "*nova religião*", suprimindo culpas de Roma na morte de Jesus e transferindo-a para os judeus.

O Novo Testamento não esclarece se Jesus era casado ou solteiro. De forma muito suspeita, ignora o assunto! Vindo de tradições judaicas, Ele não poderia ser solteiro, fato que era condição inadmissível entre os hebreus, que se casavam muito jovens, principalmente aqueles considerados como professores ou rabinos, ou pretendentes a essa missão, o que foi o caso de Jesus, que comprovadamente conhecia muito bem as escrituras sagradas, cultura reservada aos rabinos.

Em nenhum ponto Jesus advoga o celibato. Em oposto, muitas citações e acontecimentos pressupõem que Ele não só era casado, mas que sua esposa era Madalena, que lhe teria dado filhos, mais de um. O seu casamento teria acontecido na cerimônia identificada no Evangelho de João como "*o casamento de Canaã*". Em contradição ao silêncio histórico sobre o estado marital de Jesus, os Evangelhos afirmam que diversos de seus discípulos eram casados, Pedro, por exemplo.

Segundo os costumes judaicos da época, o casamento não era somente usual, mas obrigatório, sendo o celibato (estado de pessoa que se mantém solteira) vigorosamente condenado, chegando mesmo a comparar a condição de solteiro como um "*assassinato*". Era obrigação do pai encontrar uma esposa para seu filho, da mesma forma e importância que o era assegurar a circuncisão. Se Jesus não fosse casado, isso seria um fato anormal, que teria sido severamente evidenciado. E, sendo Jesus muito provavelmente um rabino, ou que para isso estivesse sendo preparado, seria impossível ser solteiro. Ainda que fosse apenas um professor, igualmente deveria obrigatoriamente ser casado.

A crença de Jesus ter mais de um filho repousa no costume judaico de casar seus homens ainda com dezesseis ou dezessete anos, forte condição na época. Sendo crucificado aos 33 anos, ou mais provavelmente entre 36 e 42 anos, ele poderia ter tido antes vários filhos.

Existem ainda evidências de que Tomé teria sido um irmão gêmeo de Jesus, que poderia ter sido envolvido nas ilações da crucificação.

Seria proibitivo na época, que uma mulher acompanhasse um homem em suas pregações na região, a menos que fosse sua esposa. Madalena, do vilarejo de Migdal, ou Magdala, na Galiléia, acompanhava Jesus em todas as suas peregrinações, fato também deliberadamente obscurecido e pouco citado nos evangelhos, como em tentativa de ocultação. Quando citada, acontece sob formas figuradas e disfarçadas, a exemplo de “a mulher da qual vieram os sete véus”, ou colocando-a como uma “pecadora”.

É dito nos Evangelhos que Madalena teria abençoado Jesus, unguendo-o com óleo. Na época, a unção era concedida apenas por meio de pessoas muito importantes, e destinada somente aos considerados reis, ou um messias de direito. Madalena também é apontada como a primeira testemunha da tumba vazia, após a crucificação de Jesus, ou seja, para revelar a ressurreição Jesus a teria escolhido entre todos os seus devotos. O retrato que tentam lhe impor, como sendo uma prostituta, se configura mais como tentativa de denegrir e esconder o real papel que ela desempenhou.

As vezes identificada como Maria de Betânia, Madalena é citada como de convivência com Martha e Lázaro, seus irmãos, na casa de seu pai, José de Arimatéia. Historiadores afirmam que a Maria de Betânia, irmã de Martha e Lázaro, e Madalena, seriam a mesma pessoa. Também existem evidências de que Madalena seria descendente de reis, vindo da tribo de Benjamim. O casamento dela com Jesus teria unificado as casas reais de Benjamim e de Judá, de Jesus. Um homem nessa condição poderia então reivindicar o direito ao trono de “rei dos judeus”, neste caso como sucessor de Saul, Davi e Salomão.

José de Arimatéia possuía uma casa, grande o bastante para receber e abrigar Jesus e todos seus discípulos. Tinha nela uma tumba particular, depois usada para receber o corpo de Jesus crucificado. Tal condição era inédita na região, onde as terras eram caríssimas e poucos tinham posses suficientes para tal privilégio, considerado um alto e extravagante luxo.

Conforme alguns historiadores, com arranjos de fuga e exílio engendrados pelo próprio Jesus, Lázaro, Madalena, Martha, José de Arimatéia e alguns outros foram transportados por navio até Marselha. Lá, José de Arimatéia teria sido consagrado por São Filipe e enviado à Inglaterra, onde fundou a Igreja de Glastonbury. Lázaro e Madalena teriam permanecido na Gália. Contam que Madalena teria morrido em Aixen-Provence, ou em Saint Baume, e Lázaro em Marselha, após lá haver fundado o primeiro bispado. Depois, um de seus companheiros, São Maximin, teria fundado o primeiro bispado de Narboinne.

Segundo a história, ao ser preso no Jardim de Gethsemane, “por perturbar a ordem”, Jesus teria sido levado ao Sanhedrin, o conselho de anciãos judeus, que tinha total autoridade para fazer tal julgamento, uma vez que uma das acusações, proclamada pelos Saduceus (sacerdotes), era de crime contra os Judeus, embora os distúrbios causados por Ele tenham incomodado também os romanos. Mas, estranhamente, o Sanhedrin prefere mandá-lo para ser julgado por Pôncio Pilatos, que seguidamente o chama de “rei dos judeus”, e manda que uma inscrição com esse título seja afixada à sua cruz, fato que figura nos quatro Evangelhos, sem nenhuma variação. Pilatos teria ainda submetido a sentença ao povo, sem ter razão para isso, uma vez que possuía autoridade para impô-la. Condenado por crimes “contra os Judeus”, não é explicada a razão da imposição de morte pela crucificação, costume aplicado apenas para punir crimes contra Roma, condição estranha para classificar apenas desordens que um profeta estaria originando entre a população.

Existem outros conflitos sobre o pretense julgamento do Sanhedrin, conselho de anciãos judeus, que, para julgar Jesus teria se reunido durante o “Festival dos Judeus”, o que seria proibido pela lei judaica. Os Evangelhos citam que o julgamento aconteceu à noite, mas, o Sanhedrin era proibido de se reunir a noite, em qualquer lugar que não fosse o Templo. Dizem que o Sanhedrin manda Jesus para Pilatos, por não poder condená-lo à morte, o que

também não é verdade, uma vez que tinha poderes para sentenciá-lo à morte, não por crucificação, mas por apedrejamento.

Barrabás, que inexplicavelmente escapa da crucificação, trocado por Jesus, segundo os relatos declarados não teria razões de lá estar, e não é citado nos Evangelhos como um ladrão, como a Igreja o coloca. Marcos e Lucas o descrevem como um “*prisioneiro político*”, um rebelde acusado de insurreição. Matheus o descreve como “*prisioneiro notável*”. João o cita como um “*lesta*”, que pode ter sido interpretado pela Igreja como “*ladrão*” ou “*bandido*”. Entretanto, “*lestes*” era a identificação que os romanos davam aos Zelotes, seus inimigos e opositores judeus. O entendimento mais seguro é o de que Barrabás era um Zelote, o braço armado das seitas e tribos judaicas, do qual Jesus também teria pertencido. Existem evidências de que Barrabás pertencia ao grupo de Jesus, e com ele estava durante os conflitos criados no Templo, onde viraram as mesas de mercadores, originando grande desordem.

O quarto Evangelho, de João, identifica Barrabás como filho de Jesus. Jesus Barrabás, como foi chamado, pode ser uma distorção de “*Jesus Berrabbi*”, e “*Berrabbi*” era título colocado após o nome de um rabino. Assim, Jesus Berrabbi poderia ser uma referência ao próprio Jesus. Poderia ainda ser a derivação de “*Jesus bar abba*”, podendo indicar que Barrabás seria “*filho do pai*”, uma vez que “*abba*” significa pai. Mas, com mais precisão, pode também ser entendido como distorção de “*Jesus bar rabi*”, ou seja, “*Jesus, filho do rabino*”. Além disso, comprovadamente não existindo na época o citado costume de “*libertar um prisioneiro*”, não faria sentido Pilatos propor a “*troca*” de Jesus por um simples malfeitor, e, principalmente, este ser o escolhido pelo povo. Já, sendo Barrabás um filho de Jesus, a proposta e a escolha passam a fazer sentido, uma vez que teria sido preferível proteger o filho de um rei, em favor da continuidade da dinastia real.

Não há evidências nos Evangelhos e na história, que a crucificação tenha ocorrido em um “*monte árido*”, chamado de Gólgota, ou “*o lugar do crânio*”, montanha que realmente existe a noroeste de Jerusalém! De acordo com Matheus, Marcos e Lucas, a crucificação foi testemunhada de longe pela maioria das pessoas, e teria ocorrido em propriedade privada, que vários documentos indicam como sendo o “*Jardim de Gethsemane*”, pertencente a José de Arimatéia. O quarto Evangelho é mais específico, afirmando que Jesus foi crucificado em um horto, e que nesse horto havia um sepulcro novo, onde o corpo de Jesus foi depositado. De acordo com Matheus, esse sepulcro pertencia a José de Arimatéia, que, segundo os quatro Evangelhos, era um homem rico, pertencente ao Sanhedrin, o conselho dos sábios judeus, e também um discípulo secreto de Jesus. Consta também que José de Arimatéia tinha em sua propriedade, de residência, um sepulcro particular.

Muitas evidências mostram que, Pilatos, cruel e corrupto, teria sido subornado por José de Arimatéia para encenar todos os acontecimentos, inclusive a determinação da crucificação, e permitir que ela fosse realizada em propriedade particular, para em seguida liberar seu corpo, contrariando a lei romana, que determinava a exibição dos crucificados ao longo de estradas movimentadas, para servir de “*exemplo*” a outros rebeldes, e proibia a entrega dos corpos a parentes, exigindo que ficassem expostos aos elementos e às aves de rapina. Ainda assim a liberação aconteceu rapidamente, em tempo que provavelmente o crucificado estivesse ainda vivo, embora inconsciente, conforme demonstram inúmeros relatos. Ao liberar o corpo para José de Arimatéia, Pilatos teria “*estranhado a rápida morte de Jesus*”!

É desconhecida a provável vida de Jesus após a crucificação. De acordo com lendas muçulmanas e indianas ele teria morrido muito velho, na Caxemira. Conforme historiadores, sabe-se que, após proteger sua família, especialmente sua esposa Madalena, seus filhos, seu cunhado Lázaro, José de Arimatéia e principais seguidores, enviando todos para “*além mar*”, ele teria viajado muito, por diversas regiões, incluindo Alexandria, no Egito, onde, aproximadamente em 45 d.C., o sábio “*Ormuz*” teria criado uma organização secreta, que depois daria origem à Rosacruz, amalgamando o cristianismo com mistérios pré-cristãos.

Outros sugerem que teria morrido na fortaleza de Massada, no canto sudoeste do Mar Morto, ao esta ser tomada pelos romanos, em 74 d.C., quando poderia estar próximo dos 80

anos de idade. Existem indicativos de que o corpo mumificado de Jesus estaria oculto em algum lugar de Rennes-le-Château, o que explicaria a inscrição “ETE IL EST LÀ MORT”, ou “*E ele está lá morto*”, encontrada por Saunière nos pergaminhos. Outra inscrição atribuída a uma tumba da região cita “*ET IN ARCADIA EGO*”, que pode ser entendida como um anagrama e, assim, rearranjada para “*I TEGO ARCANA DEI*”, que significa: “*Vá embora! Eu guardo os segredos de Deus.*”.

Historiadores afirmam que os membros sobreviventes da família de Jesus acusaram amargamente os governos de Herodes e seus sucessores, de destruir as genealogias de judeus nobres e de remover as evidências que pudessem levá-los a novamente reclamar seu trono de direito. Esses membros teriam “*migrado pelo mundo*”, carregando consigo algumas genealogias que escaparam da destruição de documentos imposta durante a revolta de 66 até 74 d.C.

Os antepassados religiosos mantinham relacionamentos diferentes dos atuais. Durante muito tempo o cristianismo gnóstico conviveu com o judaísmo e o islamismo. O Alcorão, livro sagrado muçulmano, menciona Jesus 35 vezes e o considera um antecessor de Maomé³¹ e, como outros documentos, o Alcorão também afirma que Jesus não morreu na cruz, tendo sido substituído, e que era um homem iluminado, como Maomé o foi, e não um ser divino.

OS MEROVÍNGIOS

Embora com a Igreja e monarcas aliados, eliminando os herdeiros da dinastia Merovíngia e impondo a exclusão de seus nomes da história, a linhagem Merovíngia teria sobrevivido através de Sigisbert, filho de Dagobert, cujos descendentes incluíram Guillem de Gellone, governante do reino judeu de Septimannia, e de Godfroi de Bouillon, que recaptura Jerusalém em 1099.

Por volta de 1100 os Merovíngios, ou descendentes de Jesus, teriam conseguido proeminência na Europa e, por meio de Godfroi de Bouillon, também na Palestina.

O reino franco de Jerusalém não se consolidou. Em 1291, pressionado pelos exércitos muçulmanos, acabou perdendo para eles a Terra Santa.

No século XVI a Casa de Guisé esteve próxima de conseguir o trono da França. No século XVII a revolta conhecida como Fronde tentou conseguir o trono, sendo derrotada por Luís XIV. No século XVIII, por meio de casamentos com os Habsburgo, a Casa de Lorraine conseguiu o trono da Áustria, do Sacro Império Romano. Quando Maria Antonieta se tornou rainha da França, esse trono também se aproximou da dinastia Merovíngia, à distância de apenas uma geração. A Revolução Francesa derrubou os planos das famílias.

No final do século XIX, esquemas tinham sido elaborados para estabelecer um tipo de “Santa Aliança”, que teria unificado a Europa Católica sob os Habsburgo, unindo Áustria, França, Itália e Espanha. Comportamentos caóticos da Alemanha e Rússia, que em 1914 levaram à guerra, desviaram os planos, que mais uma vez não se concretizaram.

Hoje existe pelo menos uma dúzia de famílias na Grã-Bretanha e na Europa, com numerosos ramos colaterais, que seriam da linhagem Merovíngia, entre elas as casas de Lorraine, Habsburgo, Plantard, Luxembourg, Mont-pézat, Sinclair, Stuart, Devonshire, Montesquieu e outras.

³¹ Nascido em 570, em Meca, e falecido em 632, Maomé, ou Muhammad ou Mohammed, foi um líder político e religioso árabe. Os muçulmanos não o consideram um ser divino, mas sim, um dos mais perfeitos dos seres humanos. Segundo a religião islâmica ele foi o último profeta do Deus de Abraão, sucessor de Abraão, Moisés, Davi, Jacob, Isaac, Ismael e Jesus. Como figura política unificou várias tribos árabes, com isso facilitando as conquistas muçulmanas, que viriam constituir o império islâmico, se estendendo da Pérsia, hoje Irã, até a Península Ibérica. Originalmente foi um mercador que realizou extensas viagens e tinha por hábito retirar-se para orar e meditar nos montes perto de Meca onde, aos 40 anos, numa das cavernas do Monte Hira, teria sido visitado pelo anjo Gabriel, dele recebendo o comunicado que Deus o havia escolhido como seu último profeta, lhe ordenando que transmitisse os versos por ele enviados à humanidade. Após sua morte, estes versos foram reunidos e integrados no Alcorão, durante o califado de Abu Bakr. Maomé não rejeitou o judaísmo e o cristianismo, as duas religiões monoteístas então conhecidas pelos árabes. Sobre ambas declarou que tinha sido enviado por Deus para restaurar essas religiões, cujos ensinamentos originais tinham sido corrompidos e esquecidos.

A readaptação dos dogmas da Igreja aos princípios e interesses romanos, o endeusamento de Jesus, segundo os interesses de Roma e da Igreja, o uso do “*pensamento paulino*”, o desencorajamento da especulação individual, pregada pelo gnosticismo, a obrigatoriedade da crença pela fé, segundo as determinações da igreja, sem contestações, e o “*retrato*” dos judeus como “*bodes expiatórios*”, asseguraram o sucesso na disseminação do que depois se chamou de ortodoxia cristã, se contrapondo ao gnosticismo, ou gnose.

A HISTÓRIA CRONOLÓGICA

1447 a.C. - Este ano predomina como sendo o mais aceitável como real, mas não é data precisa, na qual os Hebreus libertaram-se da escravidão e saíram do Egito, para a emigração de 40 anos, conhecida como “*Êxodo*”, rumo à sua prometida Terra Santa, para a direção leste, ultrapassando o Mar Vermelho e chegando às terras do Oriente Médio, que naquela época já era conhecida como Palestina.

Também é dado como vago, mas é provavelmente certo que a Palestina, região em que se estabeleceram, já era habitada pelos Filisteus, povo Indo-Europeu cuja origem também é motivo de controvérsias. Os primeiros conhecimentos que se tem sobre os Filisteus surgem de crônicas egípcias, registrando que “*povos do mar*” haviam migrado pelos oceanos, do Mar Egeu para o leste do Mar Mediterrâneo, e que entre eles encontravam-se os Filisteus, ou Pelesets. Segundo os registros sagrados dos hebreus, os Filisteus teriam se originado de Casluim, que teria sido um dos filhos de Mizraim, neto de Cam e patriarca dos egípcios. Teóricos mais recentes preferem acreditar na hipótese que se tratava de grupo Indo-Europeu, que já habitava a Palestina quando o povo semita lá chegou.

1400 a.C. - Aproximadamente nessa época, já estabelecido na Terra Santa, e depois de dividi-la entre as doze tribos que o acompanharam, abençoando seus patronos, Moisés inicia a organização dos documentos religiosos, depois continuada por Josué, que futuramente seriam reconhecidos como Velho Testamento.

63 a.C. - Com a invasão romana, que toma a região dos judeus e palestinos, Antipater assume o trono da Terra Santa, permitindo que o povo mantivesse sua própria crença, mas sob autoridade final e absoluta de Roma.

37 a.C. - Antipater é sucedido por seu filho, Herodes, o grande, que reinou até 4 a.C. Cruel, sanguinário e corrupto, mas, fazendo alguns esforços em vãs tentativas de cativar a simpatia do povo, Herodes casa-se com uma palestina e constrói um novo templo em Jerusalém, denominado Segundo Templo, também chamado de Templo de Herodes. Entretanto, sua tirania prevalece e, entre muitas outras atrocidades, manda assassinar a esposa e filhos, para eliminar futuros pretendentes ao seu trono.

0 - Em Belém, na Terra Santa, nasce Jesus.

6 d.C. - Com a situação política local crítica, em razão de hostilidades crescentes, Roma divide a província em duas; Judéia, que Roma governaria diretamente, e Galiléia, onde os sucessores de Herodes seriam mantidos no poder. Ao assumir o controle da Judéia, enfrentando rebeliões, os romanos crucificaram mais de 2000 “rebeldes” judeus e palestinos.

26 d.C. - Pôncio Pilatos assume o poder na Judéia, como procurador de Roma, atividade equiparada a de governador, permanecendo no poder até 36 d.C., época aproximada do julgamento de Jesus.

40 d.C. - Começa a se destacar Saulo, ou Saul de Tarso, um fanático combatente dos saduceus, ou seu agente, que declara abertamente perseguir os nazarenos até a morte.

Cerca de um ano depois da crucificação de Jesus, Saulo, ou Saul de Tarso, o furioso perseguidor e assassino dos nazarenos, acabou convertendo-se e se transformando em influente pregador, como Paulo, e depois em baluarte da Igreja romana. Ao atravessar o deserto para capturar um grupo de nazarenos em Damasco, na Síria, passou por uma insolação que o teria derrubado do cavalo. Nesse episódio declarou ter recebido uma visão de Jesus, que com ele conversou e lhe teria ordenado uma missão divina. Com base nisso abandona o nome de Saul e adota o nome de Paulo, iniciando pregação cristã sob princípios próprios e diferentes das orientações de seus conterrâneos, estendendo-a além da Terra Santa, para a Ásia e Grécia.

Transferiu para a propagação daquilo que entendia ser a mensagem de Jesus, o mesmo fanatismo com que antes perseguia os Nazarenos. Contrariando os ensinamentos dos Nazarenos, passou a declarar Jesus como divino e a interpretar à sua maneira seus ensinamentos, fundindo seus pensamentos com diferentes crenças, vindas de anteriores e milenares deuses ou profetas, pagãos ou não, entre eles Tamuz, Mitra, Osíres, Átis, Adônis, Dionísio, Zoroastro e outros.

Amalgamando conceitos, passou a pregar que; como um dos deuses pagãos, Jesus teria sido gerado por Deus com uma virgem; igualmente a outros, teria morrido com uma chaga no flanco e três dias depois se levantou do túmulo; que estava por chegar o dia do julgamento e do juízo final; que existia a ressurreição da carne e vida após a morte; que, como outro dos profetas, teria nascido em uma caverna ou gruta, onde pastores o visitaram e levaram presentes; que *“aquele que não comesse de sua carne e não tomasse do seu sangue não se salvaria”*, e outras que até hoje são observadas pela igreja. Com essas premissas e *“seus novos ensinamentos”*, deu os primeiros passos em direção à nova forma de crença, que mais tarde seria cooptada pela futura Igreja romana, que então o elegeu seu patrono, como São Paulo.

46 d.C. - Documentos do Monastério do Sinai identificam que, no Egito, sob o símbolo de uma cruz vermelha, nesse ano foi constituída uma organização secreta identificada como *“Ormus”*, nome que seria também um subtítulo depois usado pelo Monastério do Sinai na constituição da *“Ordem dos Iniciados”*, e que futuramente viria a ser considerada como origem da **Ordem Rosacruz Veritas**, ou simplesmente **Rosacruz**. Coincidentemente ou não, documentos apócrifos e livros sagrados de outras crenças citam que Jesus teria peregrinado pelo Egito nessa mesma época, e poderia estar ligado a esses atos.

66 d.C. - São editados os documentos que viriam compor o Evangelho de Marcos, do Novo Testamento.

Nesse mesmo ano a Palestina ergue-se novamente contra o jugo Romano, iniciando período de grandes lutas e chacinas. Os Nazarenos e os zelotes invadem e tomam a Fortaleza de Massada, no canto sudoeste do Mar Morto, onde resistem aos romanos por alguns anos.

70 d.C. - São editados os documentos que comporiam o Evangelho de Lucas, do Novo Testamento.

No mesmo ano, durante a grande revolta na Judéia, Jerusalém é arrasada pelas legiões romanas de Tito, que saqueiam o Templo Sagrado e levam seus tesouros para Roma, de onde futuramente, também sob invasão, os Visigodos os levam para os Pirineus. Esse tesouro estaria de posse do **Monastério do Sinai** e, além de riquezas materiais, consistiria de irrefutáveis provas sobre os fatos históricos relatados, e, talvez, no futuro, recebendo até mesmo do corpo mumificado de Jesus.

73 d.C. - Os Romanos conquistam a fortaleza de Massada, no canto sudoeste do Mar Morto, acontecimento também considerado como provável momento e local da morte de Jesus, já próximo dos 80 anos. A história afirma que apenas algumas mulheres e poucas crianças sobreviveram, escondidas nas cavernas para escapar do suicídio coletivo cometido

momentos antes da invasão romana. Massada provavelmente foi o último reduto escolhido pelos Nazarenos e Zelotes na fuga da Terra Santa.

74 d.C. - São editados os documentos que viriam compor o Evangelho de Mateus, do Novo Testamento.

95 d.C. - É realizado o Concílio Judaico de Jamnia, que avalia os livros sagrados dos hebreus, expurgando alguns e reconhecendo outros como integrantes do Velho Testamento.

100 d.C. - São editados os documentos que viriam compor o Evangelho de João, o quarto do Novo Testamento.

130 d.C. - Época em que Irenaeus, bispo de Lyon, inicia intensa perseguição dos hereges. Um dos seus destacados alvos foi Basilides, intelectual de Alexandria, Egito, versado nas escrituras hebraicas e nos evangelhos, mergulhando também nos pensamentos egípcios e helenísticos, por este pregar que a crucificação havia sido uma farsa, que Jesus não havia morrido na cruz, e que tinha sido substituído por Simão de Cyrene.

132 d.C. - A Palestina novamente se sublevou contra os romanos, numa nova insurreiçã dos Zelotes, agora liderados por Simeão bar Kokhba, descendente de Judas da Galiléia.

135 d.C. - Ainda enfrentando levantes, o imperador romano Hadrian expulsa os Judeus da Judéia, tornando Jerusalém uma cidade romana, então rebatizada como Aelia Capitolina.

Nesse período estava ativo Valentinus, destacando-se como um dos maiores “hereges” de seu tempo e um dos destacados alvos da ira de Irenaeus. Nativo de Alexandria, Egito, extremamente influente, tendo entre seus adeptos e seguidores o cientista grego Ptolomeu, então vivendo na Alexandria, declarava possuir um corpo de “ensinamentos secretos” de Jesus, que recusava submeter às autoridades romanas, por entender que a gnose tinha precedência sobre qualquer hierarquia externa.

150 d.C. - Época em que provavelmente foram escritos os originais de importantes livros e documentos, cujas cópias foram depois descobertas em Nag Hammadi, no Egito, em 1945, passando a ser identificados como “*Manuscritos de Nag Hammadi*”. Continham treze documentos, em preciosa coleção de textos sagrados, livros e manuscritos em papiro, todos por meio de cópias editadas aproximadamente em 400 d.C., que não tiveram a influência da censura praticada pela Igreja ao criar os textos da ortodoxia romana.

180 d.C. - Irenaeus, bispo de Lyon, faz uma seleção de textos e edita a obra “*Cinco Livros Contra Heresias*”, catalogando desvios da ortodoxia romana e condenando-os veementemente. Com Irenaeus, a ortodoxia, ou o tipo de cristianismo promulgado pelos “*seguidores da mensagem*”, Paulo principalmente, teve acentuado fortalecimento e conseguiu sobreviver, como crença católica universal.

214 d.C. - Perto de Bagdá, vindo de família relacionada com a Casa Real Persa, nasce Mani. Próximo de 240 d.C. Mani funde o cristianismo gnóstico com fundamentos das tradições zoroastriana³² e mitraica³³, fundando o chamado “*maniqueísmo*”. Mani, como Jesus, ficou famoso pelas suas curas espirituais e exorcismos, sendo proclamado como o “*novo Jesus, salvador, apóstolo, iluminador, levantador dos mortos, piloto e navegador*”.

³² Zaratustra, mais conhecido na versão grega como Zoroastres ou Zoroastro, foi um profeta nascido na Pérsia, atual Irã, provavelmente no século VII a.C., e teria sido um curandeiro que fundou o masdeísmo ou zoroastrismo, religião adotada oficialmente pelos aquemênidas (dinastia governante da Pérsia), em 558 a 330 a.C., que tinha conceitos próprios sobre a formação do mundo. Entendia que o homem tinha o livre arbítrio e que deveria se manter em equilíbrio com o meio ambiente. A denominação grega zoroastres significa “contemplador de astros” e é uma corruptela do avéstico zarathustra. O significado do nome é obscuro, uma vez que a palavra ushtra significa camelo.

³³ Existem referências a Mitra datadas de 1400 a.C., como sendo uma deusa de Mitanni, região norte da Mesopotâmia. Considerada um deus, Mitra surge entre os persas como filha de Aúra-Masda, deus do bem. Segundo Heródoto, Mitra era a deusa Afrodite Urânia, trazida pelos assírios com o nome Mylitta e pelos árabes com o nome Alitta. Assim como os demais deuses persas, Mitra não tinha imagens, templos ou altares, porque, diferentemente dos gregos, os persas acreditavam que os deuses tinham natureza diferente da dos homens. Mitra pertence às mitologias persa, indiana e romana. Na Índia e Pérsia representava a luz, ou o deus solar. Representava também o bem e a libertação da matéria. Chamavam-na de “Sol Vencedor”, talvez vinculando com “Sol Invictus”.

As duas últimas designações podem ser entendidas como de ilações com a maçonaria, onde os grãos mestres são identificados como **Nautonnier**, ou, **Navegador**.

Mani escreveu muitos livros e se autodenominava sucessor de Buda³⁴, Zaratustra e Jesus. Aceitava Jesus como um mortal iluminado, não como um Deus, e pregava que ele teria sido substituído na crucificação. Em 276, por ordem do rei e sob influência da Igreja, Mani foi preso, torturado, escalpelado e decapitado. A posterior Cruzada Albigenge foi direcionada também contra o maniqueísmo, considerado pela Igreja como uma das fortes “heresias” da época.

303 d.C. - Juntamente com a Igreja, o imperador pagão Diocleciano se empenha em destruir todos os livros e escritos cristãos que se opunham às novas determinações da Igreja, as então chamadas heresias.

312 d.C. - Na batalha da Ponte Mílvia Constantino derrota e assassina Maxêncio, seu rival na pretensão ao trono real. Pouco antes dessa vitória, Constantino teria declarado que, numa visão, teria recebido do “*deus sol*” a missão divina de conduzir seu povo sob o símbolo de uma cruz, com as letras gregas “*qui*” e “*rô*”.

313 d.C. - Já no poder, e planejando a união da população por todos os meios possíveis, principalmente reduzindo os conflitos religiosos, pelo Édito de Milão Constantino proíbe a perseguição de todas as religiões e religiosos monoteístas do império. O cristianismo estava entre as muitas que proliferavam na época. Predominavam o culto ao deus Sol Invictus, originado na Síria um século antes, e à Mitra, um remanescente da religião zoroástrica, vinda da Pérsia, hoje Irã. Veio do mitraísmo, concebido 1400 anos a.C., a crença na imortalidade da alma, na ressurreição dos mortos e no julgamento divino futuro.

318 d.C. - Intensificam-se as atividades de Arius³⁵, um presbítero (sacerdote, padre ou superintendente da igreja protestante) de Alexandria, Egito, que teve morte suspeita em 336 d.C. Suas pregações deram origem ao arianismo, talvez a maior das heresias condenadas e perseguidas pela igreja, com influência mais acentuada que a de Mani. Ascético, de moral pura e de firmes convicções, via Jesus como um simples mortal, um professor inspirado, possuidor de excênica pura, diferente, mas não um Deus ou ser divino. Foi condenado pela Igreja ao contrariar seus superiores em relação à condução dos fiéis, a quem pregava segundo seus próprios princípios.

Embora Constantino tenha sido ostensivamente ariano, além de venerar o “*Deus Sol Invictus*”, o arianismo foi condenado pela Igreja Romana no Concílio de Niceia, em 325 d.C. Essa crença ganhou grande e crescente número de adeptos, principalmente dentro da própria Igreja. Em 360 d.C. já havia deslocado o cristianismo da região. Os godos³⁶ eram os mais fervorosos devotos do arianismo, também admitido amigavelmente pelos judeus e muçulmanos. Quando os Merovíngios ganharam o poder, praticamente todos os bispados da cristandade cultuavam as pregações arianas.

321 d.C. - Politicamente interessado em forçar a boa convivência do cristianismo romano com a idolatria pagã do “*Deus Sol Invictus*”, de origem síria com influências mitráicas, e principal crença sua e de seu povo, Constantino impõem aos cristãos o afastamento de

³⁴ Buda, ou Buddha, significa “desperto”, “iluminado”. As escrituras budistas tradicionais mencionam que pelo menos 24 Budas surgiram no passado, em diferentes épocas, sendo Siddhartha Gautama o último e atualmente o mais venerado deles. Ele viveu na Ásia Central, de 563 a 483 a.C., onde criou e difundiu um sistema ético, religioso e filosófico, que consiste no ensinamento de como, pela conquista do mais alto conhecimento, se escapa da roda dos nascimentos e se chega ao nirvana (quietude perpétua; estado de ausência total de sofrimento; condição de paz e plenitude, a que se chega por uma evasão de si, que é a realização da sabedoria). Por volta do séc. III d.C. separaram-se dois ramos diferentes; o budismo “hinaiana”, ramo ortodoxo, primitivo, também chamado de “pequeno veículo”, e o budismo “maaiana”, também identificado como “grande veículo”, que se opõe ao budismo primitivo por considerar que, muito embora a aspiração final deva ser o nirvana, deve este, por compaixão, ser adiado, a fim de que o sábio possa dedicar-se a ensinar aos outros o caminho da salvação. Existem diversas representações de Buda, sendo mais difundida a do Buda sentado, que procede de versão cultuada pelos chineses da Dinastia Tang.

³⁵ Sem vínculos com o personagem histórico, ariano é também um indivíduo originado dos árias, da região de Ária, povo pré-histórico da Ásia Central que teria migrado para a Europa e para a Índia. Adicionalmente, é ainda designação de indivíduo nascido sob o signo de Áries.

³⁶ Godos, divididos em Ostrogodos (Godos do Leste) e Visigodos (Godos do Oeste) eram integrantes de antigo povo da Germânia, que entre os séculos III e V invadiram os impérios romanos do Ocidente e do Oriente.

mais um costume de origem judaica, determinando que a Igreja abandonasse o culto dos sábados, ou “*sabbath*”, também decretando o fechamento das cortes de justiça nos domingos, e reconhecendo-o como “*o dia venerável do deus sol*” e de descanso do povo. Na mesma época, quando a Igreja ainda comemorava o nascimento de Jesus, natal, no dia 6 de janeiro, Constantino obrigou os cristãos a se alinharem ao culto do estado, passando as festas do natal para 25 de dezembro, mesma data do “*festival do nascimento do deus sol*”, ou de “*renascimento do deus sol*”. Essas novas datas e comemorações são respeitadas pela Igreja até hoje. A auréola que destaca Jesus e outras divindades da Igreja, também foi adotada a partir do halo de luz que coroa o “*Deus Sol*”. Também a partir do culto ao sol e do mitraísmo, a Igreja adotou a crença na imortalidade da alma, no futuro julgamento divino e na ressurreição dos mortos.

325 d.C. - Fazendo pacto com a Igreja, Constantino convoca e preside o **Concílio de Niceia**, onde é estabelecida a data da Páscoa, adotam-se regras que definiriam a autoridade dos bispos, preparando o caminho para a concentração de poder nas mãos eclesiásticas, e são determinadas alterações na crença, que fortaleceriam o crescimento do cristianismo romano. Por votos, e por interesses de poder da Igreja e de Constantino, decidiu-se que Jesus era um Deus, e não um profeta mortal. Com isso, a população pagã que adorava o Deus Sol aceitou pacificamente Jesus como sendo “*uma das manifestações deificadas do Deus Sol Invictus*”.

Foram feitas significativas adaptações nos textos do Novo Testamento, praticamente ignorando o Velho Testamento, cujos fundamentos foram quase totalmente abandonados, além de seguir orientações dos dirigentes eclesiásticos da época em outras modificações. Sob a nova orientação foram selecionados textos para refazer e recompor uma nova Bíblia Sagrada, em seguida condenando e destruindo todos os livros e documentos que se opunham às novas determinações. A Igreja passou a receber renda fixa de Constantino, que também doou e instalou o bispado de Roma no Palácio Lateran³⁷, até hoje integrado ao Estado do Vaticano. A Igreja passou a literalmente controlar seus seguidores, pela obrigatória confissão e pela exigência da fé incontestável, condenando o gnosticismo, este proibido como inimigo da igreja. Os fieis passam a dever respeito cego às suas determinações, pela fé absoluta, e a avaliação e o estudo da crença esclarecida, ou gnose, passam a ser condenados como heresias.

A Igreja relata que, nessa época, a esposa de Constantino teria se convertido ao cristianismo, o que é registrado como verdadeiro, mas também que esta teria convertido o marido, o que não é fato. Constantino nunca se converteu e sempre foi fiel ao arianismo e ao culto do “*Deus Sol Invictus*”. Assim como seu povo, apenas tolerava o cristianismo e outras crenças monoteístas que conseguiu harmonizar. Seu reinado era identificado como “*reino do deus sol*”. Sua esposa conseguiu lhe impor o batismo católico, quando já próximo da morte, convalescendo, e provavelmente contra sua vontade.

O apoio oferecido por Constantino à Igreja romana se deu por interesses políticos, de poder e praticidade, e não por meio de uma “*conversão*” ao cristianismo, conforme a Igreja prega. Com troca de favores e seu apoio à igreja, Constantino ganhou o respeito dos cristãos, evitando oposições. Reconhecido como um Deus, o “*Deus Pai*” e não o Jesus humano, este pode ser facilmente assimilado e aceito pela população pagã, que venerava o “*deus sol invictus*”, ou “*o invencível deus sol*”, por Constantino também abertamente adotado, eliminando os fortes e sérios conflitos religiosos da época. Por sua vez, era também conveniente para a Igreja pactuar com Constantino, se colocando ao lado de um forte e consolidado rei e “*novo messias*”, como Constantino se autodenominava, ampliando suas forças contra as tentativas de descendentes da verdadeira linhagem de Jesus reivindicar o trono e reinado de judeus e cristãos unidos. Era um pacto importante, útil e necessário para aqueles que buscavam o poder absoluto e pacífico!

³⁷ Palácio de Lateran, ou de Latrão (em italiano Palazzo del Laterano) é antigo palácio cuja história remonta ao Império Romano, hoje fazendo parte do Complexo Laterano, situado em frente à Basílica de São João de Latrão, a catedral do Bispo de Roma. O palácio é propriedade da Santa Sé, que tem soberania sobre o local, apesar de situado fora dos muros do Estado da Cidade do Vaticano, em decorrência do Tratado e da Concordata de Latrão (ou Lateranense) de 1929, assinado com a República Italiana, com aditamento em 1984.

331 d.C. - Constantino sanciona o confisco e destruição de todos os livros e trabalhos que desafiavam as novas crenças da renovada igreja, além de comissionar finanças para a impressão de grande número de novas cópias da Bíblia, importante providência na disseminação dos novos conceitos e dogmas da igreja.

410 d.C. - Os Visigodos invadem e saqueiam Roma, libertando Alaric, o Grande, e levando para os Pirineus “os *Tesouros de Salomão*”, rei dos Hebreus, antes roubados de Jerusalém pelos romanos. Esse tesouro passou depois para os Cátaros, sob Dagobert II, e/ou para os **Templários** e/ou para o **Monastério do Sião**, e poderia ser o - *ou parte do* - tesouro depois encontrado pelo Padre Saunière.

411 d.C. - A grande Biblioteca de Alexandria, a maior e mais importante daquela época, é incendiada “por *cristãos*”.

481 d.C. - Dessa data até 511 ocorre o reinado de Clóvis, neto de Mérovée e o mais famoso dos monarcas Merovíngios.

486 d.C. - Clóvis vinha ampliando seu reino, tomando importantes regiões, como Ardenas, Troyes, Rheims, Amiens e outras, tornando-se o mais poderoso chefe da Europa Ocidental.

496 d.C. - Vivendo época de situação precária e decadente, por meio de São Rémy a Igreja romana sela um pacto com Clóvis, soberano Merovíngio, convencendo os Francos a se converterem ao cristianismo romano. Com o apoio de Clóvis, reiniciando acentuado fortalecimento, a Igreja prosperou e cresceu pelos 1000 anos seguintes. Pelo pacto firmado a Igreja conseguiu de Clóvis o reconhecimento de poderes, passando a ser a suprema autoridade espiritual no ocidente, e adquiriu o “*direito divino*” de ungir reis, imediatamente unguindo e reconhecendo Clóvis como líder supremo do ocidente, sob o título de “*Novus Constantinus*”, presidindo o novo e unificado “*Sacro-Império Romano*”, com poderes que a Igreja deveria reconhecer nas transferências aos seus sucessores. Para ampliar ainda mais seus poderes, tal acordo viria a ser futuramente traído pela Igreja, em novos pactos realizados com inimigos de Clóvis.

511 - Morre Clóvis, e seu império divide-se entre seus quatro filhos, com a autoridade Merovíngia iniciando declínio, facilitando traições e usurpação de poderes.

651 - Nasce Dagobert II, descendente de Clóvis, que ainda criança é afastado da sucessão por determinação de assassinato, tramado pelo “*mayor*” do palácio (espécie de governante que administrava o palácio real), para que seu filho ocupasse o trono. Protegido por tia, Dagobert II escapa da morte, sendo transferido para monastério irlandês, em Sloane, próximo a Dublin, na Irlanda, onde recebe educação primorosa.

666 - Dagobert II casa-se com Mathilde, uma princesa Celta, e muda-se para a Inglaterra. Tornando-se viúvo casa-se pela segunda vez, com Giselle de Razés, filha do conde de Razés e sobrinha do rei dos Visigodos.

676 - Dagobert II retoma o poder e é empossado rei dos Visigodos, nascendo seu filho, Sigisbert, cujos descendentes dariam continuidade à linhagem Merovíngia.

679 - Em 23 de dezembro, se mancomunando em pacto com a Igreja, Pepin o Gordo, então “*mayor*” do palácio, determina o assassinato de Dagobert II, próximo de Stenay, na fronteira de Ardenas, antiga capital merovíngia. Pepin assume o trono, depois sucedido por seu filho, Charles Martel, que também exerceu forte poder na região, dando início à nova dinastia, a Carolíngia, designação derivada de seu nome.

Para evitar futuras reivindicações de direitos, a Igreja intensifica a perseguição dos Merovíngios, visando sua extinção. Em 751 ocorreria outra traição da Igreja, com novo pacto fatal aos Merovíngios. Em 872 a Igreja viria a canonizar Dagobert II, dedicando a ele o dia 23 de dezembro, também dedicado à Benjamim, em ato considerado como de “*reparo*” pelas traições ao anterior pacto feito com Clóvis. Exumou e transferiu os restos mortais de

Dagobert II para uma igreja, que passou a ser chamada de “*Igreja de São Dagobert*”, considerada como de grande importância.

681 - Segundo documentos do Monastério do Sinai, fugindo da morte decretada por Pepin, Sigisbert IV, descendente de Dagobert II, chega ao Languedoc, domínio de sua mãe, princesa Visigoda Giselle de Razés, onde adota o apelido, depois transformado em sobrenome, de “*Plant-Ard*” (“*botão de flor ardente*”) mais tarde derivado para “*Plantard*”, perpetuando a linhagem Merovíngia até os dias de hoje.

711 - A Espanha Visigoda é tomada pelos mouros. A Septimannia, região nordeste da Espanha e sul da França, abrigava grande e antiga população judaica, que vinha sendo perseguida pelos Carolíngios, então usurpadores do poder. Fortalecendo a oposição aos Carolíngios, os Judeus da região acolheram os invasores mouros, iniciando promissora coexistência junto aos muçulmanos. O pensamento judaico e o islamismo se fertilizaram mutuamente na região.

741 - Morre Charles Martel, deixando o filho Pepin III como *Mayor* do Palácio de Childrec III, Merovíngio e novo rei empossado.

742 - Nessa época existia um Estado independente no sul da França, que incluía Razés e Rennes-le-Château, onde um dirigente seria Theodoric, ou Thierry, descendente dos Merovíngios, que assim era reconhecido por diversas autoridades, entre elas Carlos Magno e o Califa de Bagdá, pelo mundo islâmico, e, a contra gosto, também pela igreja.

751 - Por meio de acordo com a igreja, esta mais uma vez ratificando a traição ao antigo pacto feito com Clóvis, no ano de 496 d.C., Pepin III consegue usurpar o trono e é reconhecido como rei dos Francos, depondo Childrec III, Merovíngio, que acaba preso em um monastério e tem seus longos cabelos cortados. Impondo influência sob a proteção de Pepin III, a Igreja renova sua força e autoridade espiritual.

754 - Por meio dos novos poderes da Igreja, para “*criar reis*”, Pepin III recebe dela a unção romana em Ponthion, inaugurando a Dinastia Carolíngia, nome derivado de Charles Martel, pai de Pepin III.

759 - Para conseguir um “*estado judeu*”, por meio de furtivo pacto firmado com Pepin III, então no poder, reconhecendo-o como seu senhor e com direito à “*sucessão bíblica*”, e em troca disso recebendo a promessa do direito de reinado sobre a região da Septimannia, onde viviam, a população judia de Narbonne trai os muçulmanos e se volta contra eles, seus ex-aliados, que então são expulsos por Pepin III.

Mantendo o prometido, Pepin III concede aos hebreus a soberania sobre a Septimannia, e em 768 um novo rei dos judeus assume o trono, tendo sido Aymery, ou Theodoric, ou Thierry, Merovíngio já líder na região e reconhecido como sendo “*semente da casa de Davi*”. O filho de Theodoric foi Guillem de Gellone, reconhecido como descendente da casa de Davi e fundador da Academia Judaica de Gellone, importante centro de estudos que ficou conhecido como um dos primeiros locais da Europa de culto à Madalena. Guillem de Gellone tornou-se um dos homens mais famosos de seu tempo, tendo sua existência equiparada à de Carlos Magno e de Godfroi de Bouillon.

800 - Mais uma vez ratificando a traição contra o antigo pacto com Clóvis, a Igreja reconhece e proclama Carlos Magno, descendente de Pepin III, como o “*Imperador do Sacro Império Romano*”, título que antes pertencia à linhagem dos Merovíngios. Pouco depois, praticamente reconhecendo os antigos direitos da dinastia Merovíngia, Carlos Magno casa-se com uma princesa daquela linhagem. Quando Luís, filho de Carlos Magno, foi coroado, recebeu a coroa das mãos de Guillem de Gellone, filho de Theodoric, declarando que; “*foi a sua linhagem que criou a minha!*”.

886 - Declarado por documentos do Monastério do Sinai, descendendo de Sigisbert IV, portanto da dinastia Merovíngia, a linhagem de Guillem de Gellone culmina com Bernardo

Plantavelu, que estabelece ducado em Aquitânia, vinculado aos Plantard. Sigisbert VI, neto de Sigisbert IV, que era conhecido como “*Príncipe Ursus*”, é derrotado tentando conseguir a coroa da França, depois morrendo na Bretanha. Um dos ramos da família, conhecido como sendo de Bera VI, nome judaico, que tinha o codinome de “**o Arquiteto**”, encontra abrigo com o Rei Athelstan, na Inglaterra, onde teria praticado a “**arte da construção**”, com diretas referências à maçonaria.

1054 - Por confrontos entre líderes no exercício do poder clerical, acontece o cisma entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Ortodoxa, também chamada Igreja Ortodoxa e/ou Igreja do Oriente, que pregava a intransigência em relação a tudo quanto é novo, não aceitando a inclusão de princípios modificados ou novas idéias.

1070 - Sob a liderança de um homem chamado Ursus, monges vindos da Calábria, Sul da Itália, chegam à região das Ardenas, dominada por Godfroi de Bouillon, de quem imediatamente recebem terras, então pertencentes à madrastra de Godfroi, em Orval, próximo de Stenay, mesma região onde Dagobert II tinha sido assassinado 400 anos antes, ali construindo uma abadia. Entre esses recém-chegados estava Pedro, o Eremita, que era tutor de Godfroi de Bouillon, e que depois, em 1095, incentivou movimento “*para reclamar o sepulcro de Cristo e resgatar a Terra Santa das mãos dos muçulmanos*”.

1090 - O Monastério do Sinai - ou Ordem do Sinai - é “*oficialmente*” criado por Godfroi de Bouillon, duque de Lorraine, provavelmente apenas reconhecendo instituições secretas já ativas, ou parte delas. Seu “*quartel-general*” era a Abadia de Notre Dame do Monte Sinai, em Jerusalém.

1095 - Pedro, o Eremita, tutor de Godfroi de Bouillon, lidera movimento na criação de uma cruzada para “*reclamar o sepulcro de Cristo e resgatar a Terra Santa das mãos dos muçulmanos*”. Pedro, o Eremita, é considerado um dos líderes instigadores das cruzadas, que depois exerceram atividades com interesses distorcidos.

1099 - Godfroi de Bouillon, duque de Lorraine, captura Jerusalém e torna-se seu governante. Declinando de ser reconhecido como rei, prefere ser identificado como “*Defensor do Santo Sepulcro*”. Godfroi é tido como comandante da primeira cruzada, herói popular supremo e salvador do Sepulcro de Cristo, arrebatado das mãos dos sarracenos. Seria um descendente da família Plantard, ou seja, de sangue Merovíngio, descendente também de Dagobert II, Sigisbert IV e da linhagem dos “*reis perdidos*”, ou “*reis sem trono*”, ou ainda “*reis que não reinaram*”. Sobre as ruínas de uma antiga basílica bizantina, Godfroi de Bouillon construiu uma Igreja que chamou de “*Abadia de Notre Dame do Monte Sinai*”, onde existiram cavaleiros intitulados “**Cavaleiros da Ordem de Notre Dame do Sinai**”.

Com a morte de Godfroi, em 1100, Baudouin I, seu irmão mais jovem, concordou em ser empossado como o primeiro rei de Jerusalém nessa dinastia. A tradição real criada por Baudouin I, que teria sido fundada sobre a “*Rocha do Sinai*”, perpetuou-se como sendo “*igual*” às dinastias reinantes na Europa. Ele afirmava que “*devia seu trono à Ordem do Sinai*”!

1108 - Misteriosamente “*desaparecem*” da história e de relatos documentados os Monges vindos da Calábria em 1070! Seu destino teria sido “*incerto*”.

1114 - Nessa época registros demonstram que já estava ativo um grupo, como braço armado da “**Ordem do Sião**”, que teria antecedido a criação dos **Templários**.

1115 - Repentina e inexplicavelmente saindo do colapso econômico, a Ordem Cisterciense³⁸, comandada por Bernardo, depois São Bernardo, sobrinho de André de Montbard, emerge como porta-voz da cristandade e torna-se rapidamente uma das mais eminentes, influentes e ricas instituições da Europa. Entre 1115 e 1140, tanto cistercienses

³⁸ Cister é um mosteiro da França, fundado por Santo Alberico e Santo Estêvão Harding, seguidores das regras de São Bento, onde São Bernardo cria e organiza a Ordem Cisterciense.

quanto os **Templários** prosperam, enriquecendo com a posse de terras, dinheiro, bens diversos, influências e poder.

1118 - Hugues de Payen, provavelmente representando o Monastério de Sion, ou Priorado de Sion, cria, em Saint-Léonard de Acre, um dos mais ativos feudos da Ordem do Sinai, a nova Ordem dos **Templários**, chamada de "**Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão**", cujos integrantes teoricamente "*protegeriam os peregrinos da época*", mas, na realidade, acredita-se, seria o braço militar do Priorado do Sião, **que iria especialmente proteger "O Santo Graal" ou a "Linhagem Sagrada", e os tesouros e interesses a eles vinculados.**

O quartel da ordem foi construído sobre as fundações do Templo de Salomão, daí o nome desse monarca na denominação dos **Templários!** Provavelmente não sendo uma realidade, consta que eram inicialmente 9 cavaleiros, e que durante 9 anos estranhamente não teriam admitido outros adeptos. Pouco depois foram aceitos e recebidos no Palácio de Baudouin I, patriarca de Jerusalém. Existem evidências de que a ordem já teria sido constituída antes, em 1114, sob outro nome, e teria sido criada usando os "*desaparecidos*" monges vindos da Calábria.

Os membros templários deviam doar suas terras e bens à ordem, e faziam votos de pobreza, castidade e obediência aos seus líderes. Distinguindo-se dos costumes da época, eram obrigados a cortar os cabelos e proibidos de cortar a barba. Usavam túnica branca com uma cruz vermelha no peito. Ao longo do tempo tiveram estreitas ligações com os muçulmanos, com isso enriquecendo sua cultura. Tiveram o respeito de reis, os quais chegavam a desafiar, quando estes os contrariavam!

Estabeleceram organizada instituição bancária, fazendo empréstimos, até mesmo para reis, e criaram a instituição do câmbio, com inúmeras preceptorias, resgatando nas cidades de destino os valores depositados nas cidades de origem dos viajantes, mediante taxas estabelecidas. Acredita-se que o uso do cheque teve origem nessa prática! Tinham a seu serviço, sob contratos, os melhores profissionais da época, como arquitetos, engenheiros militares, ferreiros, pedreiros, artesãos de couro, metais, etc.

Contribuíram para o desenvolvimento da cartografia, da navegação, principalmente, pesquisa, construção de estradas, etc. Possuíam frotas marítimas próprias e tinham seus próprios portos e marinas. Sua frota marítima comercial e militar foi a primeira a usar o compasso magnético, precursor da bússola. Tinham seus próprios hospitais e médicos, que já utilizavam extratos de mofo para efeitos antibióticos. Mantinham estreitas e cordiais relações com muçulmanos, judeus e, principalmente, com os cátaros do Languedoc, mas, provavelmente por interesses de forças, poder e/ou financeiros, mantiveram-se neutros durante a Cruzada Albigenge, lançada pela Igreja contra os cátaros, permanecendo confinados no papel de "*testemunhas*". Em razão dos contatos com a cultura islâmica e judaica, com interesses eruditos e pecuniários, absorveram idéias estranhas ao cristianismo ortodoxo. Dominavam o idioma árabe e respeitavam os pensamentos cátaros.

1120 - O Conde de Anjou - pai de Geoffrey Plantagenet - juntou-se à Ordem do Templo.

1124 - O Conde de Champagne, um dos mais ricos senhores da Europa, junta-se aos Templários, jurando obediência a Hugues de Payen, grão-mestre da ordem, que antes era seu vassalo.

1128 - Circula um panfleto elogiando a nova cavalaria criada, declarando os Templários como "*o epítome e apoteose dos valores cristãos*". Foi editado por São Bernardo, abade de Clairvaux, na época o principal porta-voz da cristandade, que se tornou o principal protetor dos Templários.

1130 - O Templário Hugues de Payen retorna à Palestina, com 300 homens.

1131 - São Bernardo recebe o controle da Abadia de Orval, tornando-a uma casa cisterciense.

1137 - Retorna à Europa a maioria dos cavaleiros Templários, recebendo acolhida triunfal, orquestrada principalmente por São Bernardo.

1139 - Uma encíclica, publicada pelo papa Inocêncio II, determina que os Templários só deviam obediência ao papa, se sobrepondo até mesmo aos reis da época. Futuramente, na busca de poderes absolutos, a Igreja viria trair, condenar e perseguir também os Templários.

1153 - Bertrand de Blanchefort, nobre simpatizante dos cátaros, torna-se o quarto grão-mestre da Ordem do Templo, atuando até 1170, dando-lhe organização soberbamente eficiente e lançando-a nas altas diplomacias e na política internacional.

1156 - Bertrand de Blanchefort *"importa"* para Rennes-le-Château um contingente de mineiros de língua alemã, com a declarada tarefa de *"extrair ouro das montanhas"*, que curiosamente já havia sido explorada e exaurida pelos romanos quase mil anos antes! **Na realidade, teriam construindo um abrigo secreto para os tesouros dos Templários.**

1165 - Na cidade de Albi, região do Languedoc, talvez a origem do nome Albigenge, muitos *"hereges"*, entre eles cátaros, maniqueístas, arianos, patarines³⁹ e marcionistas⁴⁰, foram condenados por um conselho eclesiástico.

1187 - Gerard de Ridefort, então o grão-mestre dos Templários, levou seus homens a desastrosa Batalha de Hattin. Os sarracenos vencedores tomaram Jerusalém e toda a região.

1188 - A inaptidão de Gerard de Ridefort, ou *"traição"*, como também foi tida pelo Monastério do Sinai, e a perda de Jerusalém para os sarracenos, gerou pouco depois o rompimento entre a Ordem do Sinai e a Ordem do Templo, que separam-se e passam a ter grãos-mestres independentes. O *"pai"* deserdava o *"filho"*! Tal cisão, então eminente, teria culminado com o *"corte do olmo"*, em Gisor, durante reunião entre os reis Henrique II, da Inglaterra e Filipe II, da França. O olmo, gigantesca árvore existente na região conhecida como Campo Sagrado, teria sido a simbólica *"desculpa"* de discórdia maior, e cortado pelos franceses de Filipe.

Documentos do Monastério afirmam que em 1188 os Templários se tornaram autônomos, livrando-se da autoridade da Ordem do Sinai e deixando de atuar como seu braço militar. Seguindo seus próprios caminhos, em 1307 os Templários viriam a *"desaparecer sombriamente"*, por *"extinção"* determinada por Filipe IV, da França, com ajuda da Igreja, por meio do então Papa Clement V, por ele eleito após assassinato do anterior.

O Monastério do Sinai, trocando seu antigo nome, e entre outros usando o sub-título de *"Ormus"*, sofre grande reestruturação administrativa, e se fortalece. Na nova condição, seu primeiro grão-mestre foi Jean de Gisor. Segundo registros maçônicos não comprovados,

³⁹ Patarines, ou pataria, foi designação de movimento social e religioso desenvolvido em Milão, por volta do início do século XI. Visava a reforma do clero e do governo eclesiástico, exigindo o suporte de sanções papais contra a simonia e o casamento clerical. Os envolvidos, chamados de patarini, patarinos ou patarenos, lutavam principalmente contra os desmandos do arcebispo Guido, senhor de Milão, nomeado pelo imperador, e contra o clero profundamente corrupto na época, que, entre muitas atrocidades, promovia verdadeiro tarifário pelos atendimentos eclesiásticos. O nome "pataria" era a identificação de popular mercado milanês de tecidos, razão dos seguidores do movimento serem "pejorativamente" chamados de "patarinos" ou "esfarrapados". O líder da revolta foi o diácono Arialdo, juntamente com o clérigo Landolfo Cotta e com o padre Anselmo de Baggio, este depois consagrado papa, como Alexandre II. Em 1045 eles questionaram a nomeação de Guido Velatte como arcebispo, um milanês leal ao imperador alemão Henrique III, que se opôs a princípios que mais tarde viriam se transformar na reforma gregoriana. Guido defendia a supremacia do poder imperial sobre o poder espiritual do Papa. Isso criou o descontentamento social e espiritual de grande parte dos leigos milaneses, materializado em uma rebelião contra o arcebispo, a quem acusaram de simonia. Arialdo e Landolfo foram excomungados pelo arcebispo, por não se apresentarem diante de um concílio convocado pelo próprio Guido. Recorreram ao papa, ameaçando provocar o cisma da Igreja milanesa. Roma interveio a favor dos patarinos e, em 1066, excomungou o arcebispo Guido. "Simonia" é a designação dada ao tráfico e à venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais, tais como sacramentos, dignidades e benefícios eclesiásticos.

⁴⁰ Marcionismo foi uma seita religiosa cristã do século II, criada por Marcão de Sinope, que foi excomungado em 144 d.C.. Propagou-se na Ásia Menor e na antiga Roma, em comunidades que se multiplicaram e constituíram vasta rede no Mediterrâneo. De características gnósticas, tinha base no cristianismo de tradição paulina. Simplificou cerimônias, praticou moral severa, interdição ao casamento, jejuns rigorosos, preparação para o martírio e fraternidade austera.

“*Ormus*” teria sido o nome de sábio e místico egípcio, que teria criado uma instituição que, depois, viria tornar-se a **Rozacruz**. Com origem no Egito, coincidindo com a possível presença de Jesus naquela região, acredita-se que “*Ormus*” seja um anagrama, combinando “*Ours*”, ou “*urso*” em francês, ou ainda “*ursus*” em latim, ou “*Orme*”, que em francês é olmo, com “*Or*” de ouro!

Segundo registros históricos maçons, em 46 d.C., no Egito, o sábio Ormus (*Jesus?*) teria conferido como símbolo específico à sua recém fundada “*Ordem dos Iniciados*”, uma cruz vermelha, que depois foi adotada pelos Templários. Documentos do Monastério identificam a ordem fundada por Ormus como a origem da Ordem Rosacruz Veritas, ou simplesmente Rosacruz, título que teria então sido usado na época pelo Monastério do Sinai. Outras histórias, hoje ditas como fictícias, citam 1605 como data do surgimento da Ordem Rosacruz, que teria sido fundada por Christian Rosenkreuz, mas este teria nascido em 1378 e falecido em 1484 (com 106 anos?). A história mais sólida é de que a Rosacruz teria ressurgido com força em uma das instituições fundadas por Jean de Gisor, conduzindo o Monastério do Sinai, a partir de 1188.

O novo Monastério do Sinai teria sido dirigido por comprovada lista de grãos-mestre, ou “*Nautonnier*” (Navegador ou Timoneiro em francês), como se identificavam, iniciando em 1188 com Jean de Gisor, quando se separaram dos Templários, depois tendo entre eles muitos nomes famosos, como Nicolas Flamel, René d’Anjou, Leonardo da Vinci, Robert Fludd, Isaac Newton, Victor Hugo, Claude Debussy e outros, finalizando com Jean Cocteau a partir de 1918. Diversos os teriam sucedido, até os dias atuais. Depois de 1307, os Templários também foram forçados a substituir sua identificação, usando diversas instituições, e camufladamente continuaram exercendo suas atividades.

1190 - Os Templários criam a ordem religiosa e militar dos “*Cavaleiros Teutônicos*”, que depois criou um principado independente no Leste dos Balcãs, da Prússia até a Finlândia, onde os teutônicos gozavam de soberania incontestada.

1200 - Havia perspectiva real de que o catolicismo romano, na época predominante como forma do cristianismo, fosse substituído pelas chamadas heresias, muitas crenças divergentes da Igreja, que predominavam no Languedoc, começavam a se irradiar na Europa, especialmente Alemanha, Flandres e Champagne, “*assustando*” seriamente os clérigos, que pregavam existir então uma “*infecção de heresias albigenses no Languedoc*”, que chamavam de “*a lepra louca do sul*”!

1209 - Por determinação direta do papa Inocêncio III, e com a missão de exterminar os hereges, um exército de 30.000 homens desce do norte da Europa para o Langdoc, região de montanhas a nordeste dos Pirineus, hoje o sul da França, em batalhas que dizimaram a população e seus bens, numa intensa guerra conhecida como “*Cruzada Albigense*”.

“*Como reconhecer os hereges?*”, teria perguntado ao papa um dos seus comandados! “*Mate-os todos. Deus saberá separá-los na eternidade!*”, teria sido a resposta. “*Nem idade, nem sexo, nem posição foram poupados*”, escreveu na época o representante papal ao papa Inocêncio III, relatando os resultados obtidos. Na guerra, que durou 40 anos, todo o Languedoc foi arrasado. Caíram as cidades de Béziers, Narbonne, Carcassonne, Toulouse e outras. Abrigando população predominantemente judaica, antes próspera e culta, em filosofia e muitas atividades culturais e intelectuais, toda a região mergulha na barbárie, como na época estava o resto da Europa.

1216 - O fanático espanhol Domenic Guzman, cristão impelido por ódio raivoso contra as heresias, cria a Ordem Monástica Dominicana.

1233 - A Ordem Dominicana, de Domenic Guzman, cria a instituição da “*Santa Inquisição*”, um tribunal eclesiástico instituído com a finalidade de investigar e punir crimes contra a fé católica, que passa a perseguir os cátaros e todos a eles ligados, identificando-os como hereges. Durante muitos anos a “*Santa Inquisição*”, ou “*Santo Ofício*”, foi responsável por

centenas de assassinatos e pela destruição de milhares de livros e documentos considerados “*heréticos*”.

1243 - Toda resistência no Languedoc havia cessado. As cidades e bastiões cátaros haviam sido ocupados. Somente Montségur, no alto de região montanhosa, conseguiu resistir, permanecendo sitiada por 10 meses.

1244 - Em março finalmente Montségur capitulou. O tesouro dos cátaros, que estaria guardado em Montségur, não foi encontrado. Muitos fatos conhecidos indicam que o “*tesouro*” e o que mais fosse assim chamado, foi levado por homens que escaparam do cerco da região, durante o período da resistência.

1269 - Argumenta-se que nessa época os Templários já mantinham contatos e viagens marítimas discretas e regulares a outros continentes, depois chamados de Américas, de onde teriam retirado grande parte de suas riquezas.

1291 - Toda a Terra Santa estava sob domínio muçulmano. Diferentes sistemas maçônicos proliferavam. Destaca-se entre eles o chamado Ritual Oriental de Memphis e o reaparecimento do nome Ormus, que daria origem a Rosacruz.

1306 - Filipe IV, “*o Belo*”, Rei da França, antes humilhado pelos Templários em tentativa de submetê-los à suas ordens, ansiava por apoderar-se de sua imensa riqueza e se livrar deles, que considerava arrogantes e impulsivos, além de serem fortemente armados, com contingente militar muito superior ao do rei. Nessa época o grão-mestre do Monastério do Sinai, Guillaume de Gisor, neto de Jean de Gisor, teria transformado a Ordem do Sinai em uma “*maçonaria hermética*”.

1307 - Na madrugada do dia 13 de outubro, com ajuda e apoio do papa Clement V, que Filipe IV elegeu em seguida ao assassinato do papa anterior, Bonifácio VIII, Filipe determinou o início de minucioso plano de busca, captura e prisão simultânea de todos os Templários na França, sob acusações de “*traição e heresias*”.

São fortes as suspeitas de que os planos de Filipe tenham “*vazado*”, uma vez que a imensa fortuna, documentos e bens da ordem nunca foram encontrados por Filipe, desaparecendo completamente! Rumores persistentes da época citavam um enorme transporte acontecido naqueles dias, a partir de La Rochelle, de onde livros, documentos, regulamentos, bens e riquezas foram carregados por 18 galeras dos Templários. A frota dos Templários também nunca foi capturada ou encontrada pelos homens de Filipe. Ainda assim, grande número de Templários da França foi morto, preso ou expulso. A preceptoria de Bézu, adjacente a Rennes-le-Château, teria escapado das tropas de Filipe e transportado o tesouro.

1312 - O papa cede às pressões de Filipe e os Templários foram definitivamente declarados como condenados pela Igreja e considerados dissolvidos, sem qualquer julgamento. Filipe estendeu sua pressão a outros países, quando alguns também promoveram perseguições à ordem, e outros pouco ou nada fizeram, vários até protegeram seus integrantes.

1314 - Jacques de Molay, o então grão-mestre dos Templários, e Geoffroi de Charnay, preceptor da Normandia, foram queimados até a morte. Os Templários “*desaparecem*” do palco da história, sob essa identificação! Embora com Filipe IV tentando influenciar iguais procedimentos em outros países, **sob outros títulos a ordem continuou atuante na clandestinidade em diversos deles, França inclusive.**

Na Escócia, a ordem se fortaleceu e foi refúgio de muitos adeptos fugidos da França, Inglaterra e outros países, ali crescendo fortemente durante mais de 400 anos. Na Alemanha, com intimidação de juízes, os Templários não foram condenados, encontrando refúgio na Ordem Teutônica. Na Espanha, procedimentos parecidos aconteceram. Em Portugal os Templários mudaram seu nome para “*Cavalheiros de Cristo*” e funcionaram ostensivamente até o século XVI.

Vasco da Gama, o descobridor, era um “*Cavalheiro de Cristo*”. O Infante Dom Henrique, “o navegador”, era grão-mestre da ordem. Sua designação como “*Navegador*” talvez tenha mais a ver com “*nautonnier*”, o título de dirigentes dos Templários! Navios dos “*Cavalheiros de Cristo*” navegavam sob a familiar cruz vermelha dos Templários e, sob esse mesmo símbolo, as três caravelas de Cristóvão Colombo cruzaram o Atlântico. O próprio Colombo era casado com a filha de um “*Cavalheiro de Cristo*” e, antes de suas viagens históricas oficiais, teve acesso a antigos mapas e diários de seu sogro. Em 1522 os Templários da Prússia - identificados como Cavaleiros Teutônicos - viriam repudiar lealdade a Roma e apoiar o então rebelde Martinho Lutero, que criou o protestantismo.

1360 - A população da região de Razès foi dizimada por uma peste, e Rennes-le-Château foi destruída por bandos de catalões⁴¹.

1408 - Nasce René d'Anjou, depois o “*Bom Rei René*”, Conde de Bar, de Provence, de Piemonte, de Guise, duque de Calabria, de Anjou, de Lorraine, rei da Hungria, de Nápoles, de Cecília, de Aeragon, Valência, Majorca, Sardenha e, também, rei de Jerusalém, evocando autoridade que teria sido antecedida por Godfroi de Bouillon. Sua carreira esta associada à vida de Joana d'Arc, por ele estimulada e apoiada em suas aventuras, depois romanceadas.

1522 - Os Templários da Prússia - identificados como Cavaleiros Teutônicos - repudiaram lealdade a Roma e apoiaram o então rebelde Martinho Lutero, que criou o protestantismo.

1533 - Acontece o cisma entre as Igrejas da Inglaterra e de Roma, provocado pela excomunhão de Henrique VIII, rei inglês que, enquanto ainda mantinha casamento anterior, queria a aprovação papal para sua união com Ana Bolena, que lhe daria um filho varão, antes não conseguido em suas várias núpcias. As fortes desavenças com o papa Clemente VII acabam originando o cisma e a criação da Igreja Anglicana, até hoje ativa.

1614 - Aparece o primeiro dos “*Manifestos Rosacruz*”, que atacaram ferozmente a Igreja Católica e o velho Sacro Império Romano.

1618 - Frederick do Palatinado, um Rosacruz casado com Elizabeth Stuart, recebe a coroa da Boêmia, provocando o ódio do papa e do Sacro Império Romano e precipitando o caos da “*Guerra dos trinta anos*”. Johann Valentin Andrea, grão-mestre do Monastério do Sinai, cria uma rede de “*sociedades secretas*”, conhecidas como “*Uniões Cristãs*”, que deram importante contribuição na organização do sistema de lojas maçônicas, principalmente na Alemanha. Muitos intelectuais, cientistas, filósofos e esotéricos levados para a Inglaterra, se associam à maçonaria, que ali se consolidava.

1620 - O trono da França era ocupado por Luís XIII, mas o verdadeiro poder por trás do trono, e o real arquiteto político da época, era o então primeiro-ministro do rei, Cardeal Richelieu, depois sucedido pelo seu protegido, Cardeal Mazarin, ambos inimigos declarados do Monastério do Sinai e suas coligações.

1642 - O Cardeal Mazarin tenta ocupar o trono da França, enfrentando forte oposição, com rebeliões populares que culminaram em uma guerra civil de 10 anos, conhecida como *Fronde*. Com o fracasso da Fronde acaba subindo ao poder o rei Luiz XIV e, sob oposição do Sinai, Mazarin é nomeado primeiro-ministro. Durante a Fronde agiu fortemente a Companhia do Santo Sacramento, sociedade secreta altamente organizada, que teria sido o próprio Monastério do Sinai, ou uma “*fachada*” do mesmo, em atividades que prefiguravam a maçonaria. Hoje sabe-se que o centro de operações da Companhia do Santo Sacramento era Saint Sulpice, e que ela agia intensamente contra o rei Luiz XIV e Mazarin.

1653 - Importante tumba Merovíngia é encontrada nas Ardenas, França; a do Rei Childeric I, filho de Mérovée e pai de Clóvis, o mais influente de todos os governantes merovíngios.

⁴¹ Habitantes das províncias espanholas da Catalunha, na Espanha.

1656 - Poussin vivia em Roma e teria recebido visita do abade Louis Fouquet, irmão de Nicolas Fouquet, este superintendente de finanças de Luís XIV e tido por muitos como sendo o depois encarcerado como o “*Máscara de Ferro*”⁴².

1659 - Na perseguição contra os Merovíngios, em 11 de julho Mazarim ordena a destruição total do Chateau Barberie, próximo de Nevers, França, residência da família Plantard, que seria descendente de Dagobert II e da dinastia Merovíngia.

1660 - Um manifesto Rosacruz identifica uma das “*uniões cristã*” de Andréa, na época participante da “*invisível irmandade Rosacruz*”, então identificada como “*colégio invisível*”, como sendo a origem na constituição da inglesa Royal Society⁴³, onde praticamente todos os membros fundadores eram maçons. No mesmo ano o rei se pronuncia oficialmente contra a Companhia do Santo Sacramento e ordena sua dissolução. Em 1665, intensamente perseguida, finalmente a Companhia do Santo Sacramento “*teria desistido de agir*”. Seus documentos e bens desaparecem em abrigos secretos.

1685 - Depois de intensa busca, finalmente Luiz XIV consegue obter o quadro “*Les Berger d’Arcadie*”, que teria procurado por longos anos, e que se tornou sua propriedade particular exclusiva.



1709 - Em uma “*mémoire*”, escritos fazem menções sobre uma tumba com inscrições “*ET IN ARCADIA EGO*”, mostrada no quadro “*Les Bergers d’Arcadie*”, de Poussin, com três pastores e uma mulher, encontrado por Luis XIV. Restos de uma tumba com todas as características do quadro existe a 10 Km de Rennes-le-Château e a 5 Km do Castelo de Blanchefort. “*ET IN ARCADIA EGO*” pode ser entendido como um anagrama e, assim, rearranjado para “*I TEGO ARCANA DEI*”, que significa: “*Vá embora! Eu guardo os segredos de Deus.*”

1715 - Charles Radclyffe, participante da rebelião escocesa, promulga uma forma particular da maçonaria, conhecida como “*Ritual Escocês*” e identificada como “*de observância rigorosa*”, que descenderia diretamente dos Templários.

1725 - Charles Radclyffe funda em Paris a primeira loja maçônica no continente.

1738 - Por razões desconhecidas, talvez por supostas ligações destes com os Rosacruz, o papa Clemente XII publica encíclica condenando e excomungando todos os maçons, então declarados como “*inimigos da Igreja*”.

1780 - O padre Antoine Bigou compõem dois dos pergaminhos depois encontrados por Berenger Saunière em Rennes-le-Château. Um deles contendo escrito “*ET IN ARCADIA EGO*”, que pode ser entendido como um anagrama e, assim, rearranjado para “*I TEGO ARCANA DEI*”, que significa: “*Vá embora! Eu guardo os segredos de Deus.*” Outra inscrição encontrada é “*ETE IL EST LÀ MORT*”, ou “*E ele está lá morto*”, que poderia explicar a presença do corpo mumificado de Jesus.

⁴² Pretenso irmão do rei, encarcerado para encerrar eventuais intenções de reclamar o trono.

⁴³ A Royal Society é uma irmandade inglesa de indivíduos notáveis, que representam áreas da ciência, engenharia, medicina e outras especialidades, formando rede científica global do mais alto calibre. Segundo sua tradição, existe para ampliar o conhecimento e a ciência de apoio, e orientar as políticas no Reino Unido e em todo o mundo.

1824 - Charles Nodier, grão mestre do Monastério do Sinai, é nomeado bibliotecário-mor da Biblioteca Arsenal, o maior depósito francês de manuscritos medievais, entre eles os de Nicolas Flamel, o alquimista medieval listado como um dos primeiros grãos-mestre do Monastério.

1832 - É publicado o livro “*Um dia em Rennes-les-Bains*”, de Auguste de Labouisse-Rochefort, falando longamente sobre o legendário tesouro ligado a Rennes-le-Château e os Blanchefort.

1889 - Joséphin Péladan, amigo de Papus e Emma Calvé, todos depois amigos de Berenger Saunière, faz viagem à Terra Santa, onde teria “*descoberto a tumba de Jesus*”, não no local tradicionalmente indicado, mas sim, sob a Mesquita de Omar, anteriormente parte do território sob domínio dos Templários.

1890 - Joséphin Péladan funda a “*Ordem da Rosacruz Católica do Templo do Cálice*”, que, ao contrário das outras instituições Rosacruzes da época, curiosamente escapou à condenação papal. Jules Doinel torna-se bibliotecário em Carcassonne e funda uma Igreja Néo-Cátara.

No mesmo ano, **1890**, o padre Berenger Saunière encontra o “*Tesouro Maldito*”, em Rennes-le-Château, incluindo enigmáticos pergaminhos, onde a Igreja principal é dedicada à Madalena. Depois, o padre constrói uma torre voltada para a montanha, que também foi dedicada à Madalena, e uma opulenta casa de campo, que nunca ocupou, identificando-a como Villa Bethania (Beth-Ania ou Casa de Ana). No pórtico da Igreja reformada, enigmaticamente Saunière determinou a gravação da inscrição “*TERRIBILIS EST LOCUS ISTE*”, que significa “**Este local é terrível**”.

Segundo entendimentos posteriores, Berenger Saunière teria sido discretamente “*conduzido*”, por emissários do Monastério do Sinai, ao encontro do tesouro e pergaminhos. Todo o dinheiro que Saunière teve depois disso foi recebido por meio do Abade Henri Boudet, padre de cidadezinha adjacente, Rennes-le-Bains, que estaria ligado ao Monastério do Sinai e teria orientado todas as atividades de Saunière. Marie Denarnaud, governanta e confidente de Saunière, seria agente de Boudet. Muitas evidências indicam que o poder por traz de todos os acontecimentos vinha do Monastério do Sinai. Em 1979 um trabalho chamado de “O Tesouro do Triângulo de Ouro”, de Jean-Luc Chaumeil, afirma que Saunière, Boudet e diversos outros clérigos envolvidos com o enigma de Rennes-le-Château, eram afiliados a uma forma da maçonaria, que seguiria os moldes do “*ritual escocês*”.

1891 - Claude Debussy, suposto grão-mestre do Monastério nessa época, era íntimo de Victor Hugo, do clérigo Émile Hoffer, de Emma Calvé e outros, por meio de quem conheceu o padre Berenger Saunière.

1903 - O papa Leão XIII estabelece a Comissão Bíblica Pontifícia, para monitorar o trabalho dos integrantes do Movimento Modernista, principalmente de intelectuais especializados nas Escrituras, que tinham Saint-Sulpice como principal sede. Na época, em sua maioria, os modernistas trabalhavam no âmbito da Igreja e, ainda assim, em razão da insistente opção pelo gnosticismo, foram acusados de “*maçons*” e muitos foram suspensos e excomungados.

1905 - Em tentativa de provocar “*uma revolta contra os judeus*”, foi republicado um pretenso documento, “*Protocolos dos Sábios do Sion*”, supostamente “*de fontes judaicas*”, declarando existir uma “*conspiração judia internacional*”. Embora tal documento “*ressurja*” vez ou outra, ficou provado que era falso.

1907 - Mantendo a intensa luta contra o gnosticismo, o papa Pio X lança condenação formal contra o modernismo. Consciente de que em sua maioria os chamados *modernistas* estavam dentro da própria Igreja, em 1910 Pio X exige de seus clérigos o juramento contra “*tendências modernistas*”.

1916 - No final desse ano Berenger Saunière, por razões não conhecidas, teria desafiado os representantes do Monastério do Sinai, cortando relações.

1917 - Em **17 de janeiro**, com 65 anos e gozando de excelente saúde, Berenger Saunière sofre um suspeito derrame cerebral. Em 22 de janeiro morre. Tempos depois foi encontrado o original de recibo de compra da urna funerária utilizada, com suspeita data de **12 de janeiro**.

Assim como sua morte, é bastante “*suspeito*” o dia em que Saunière teria sofrido um derrame, uma vez que é também a data encontrada na tumba da marquesa de Hautpoul de Blanchefort, que ele erradicou do local, sendo também data festiva do seminário de Saint Sulpice, onde ele confiou ao abade Biel e a Emile Hoffet os quatro pergaminhos encontrados.

Outra relevância é que, um dia antes de sua morte, segundo testemunhas, o padre de uma paróquia vizinha foi chamado para ouvir sua última confissão. Pouco depois de se aproximar do moribundo ele saiu visivelmente chocado, sem lhe conceder a extrema-unção. Afirmam que esse padre caiu em profunda depressão e nunca mais sorriu.

1920 - Em 18 de março nasce Pierre Plantard, depois nomeado secretário geral do Monastério do Sinai.

1944 - Gisor é ocupada pelos alemães, e uma missão militar especial é enviada de Berlim para realizar uma série de escavações sob sua fortaleza, que acabou não se realizando, em razão da invasão da Normandia.

1945 - Em dezembro, na cidade de Nag Hammadi, Egito, um camponês encontra um jarro de cerâmica contendo treze documentos, numa coleção de textos bíblicos, livros e manuscritos em papiro, todos em cópias editadas aproximadamente em 400 d.C., cujos documentos originais teriam sido escritos aproximadamente em 150 d.C., e diversos deles antes já mencionados em outros documentos da igreja.

Esse conjunto de documentos, hoje chamados de “Manuscritos de Nag Hammadi”, contem diversos “*Evangelhos Gnósticos*”, dentre eles o “*Evangelho de Tomás*”, o “*Evangelho da Verdade*” e o “*Evangelho dos Egípcios*”, todos antes ignorados pela Igreja, mas citados em documentos editados pelos seus primeiros padres, a exemplo de Clemente da Alexandria, Irenaeus e Orígenes. Tendo escapado da censura estabelecida na revisão da ortodoxia romana, sendo escritos para uma audiência egípcia, portanto não sendo obrigados a agradar aos romanos, e provavelmente escritos por judeus que escaparam das guerras indo para o Egito, os Manuscritos de Nag Hammadi constituem um valioso repositório de documentos possuidores de veracidade própria e singular.

Entre as muitas versões diferentes das apresentadas pela Igreja, os manuscritos de Nag Hammadi citam que Jesus escapou da morte na cruz por meio de engenhosa substituição, narra uma disputa de poder e ciúme entre Pedro e Madalena, um casamento entre Jesus e Madalena, o nascimento de um “*filho do homem*”, e cita declarações que teriam sido de Jesus, como: “*Eu não sucumbi como eles planejavam. Eu não morri na realidade, mas em aparência, para não ser humilhado por eles. Foi outro, o pai deles, que bebeu a bile e o vinagre, não eu. Eles me atingiram com a lança. Foi outro, Simão, que carregou a cruz nos ombros. Foi outro, sobre quem eles colocaram a coroa de espinhos. Eu ri da ignorância deles.*”

1946 - Morre Marie Denarnaud, que compartilhou os segredos de Berenger Saunière durante 32 anos. No mesmo ano um operário francês, Roger Lhomoy, anuncia ter descoberto em Guisor uma capela subterrânea contendo 13 sarcófagos de pedra e 30 cofres de metal. Sua petição para explorar o local foi rejeitada e a região foi totalmente isolada. Em 1962 Lhomoy finalmente consegue a licença e inicia suas escavações, mas os registros afirmam que nada foi encontrado.

1956 - No dia 20 de julho, o “*Journal Officiel Francês*” publica o registro da associação Priorado do Sion, ou Monastério do Sinai, como tendo acontecido no dia 25 de junho de 1956. Nesse mesmo ano, na forma de livros, artigos, panfletos e outros documentos, se intensifica o surgimento de informações a respeito dos Cátaros, Templários, Dinastia Merovíngia, Rosacruz, Maçonaria, Poussin, Saunière e Rennes-le-Château, Madalena, Pierre Plantard e outros. Tais divulgações são tidas como originadas da Ordem do Monastério de Sion, que estaria funcionando até os dias de hoje, e que teria o objetivo confesso de restaurar a dinastia e a linhagem Merovíngia, não só na França, mas em toda a Europa. É declarado que a linhagem Merovíngia havia sido perpetuada, desde Dagobert II e seu filho Sigisbert IV, por meio de alianças dinásticas e casamentos, tendo nessa linhagem também Godfroi de Bouillon, que capturou Jerusalém em 1099.

1958 - Em um monastério próximo de Jerusalém, o professor Morton Smith, da Universidade de Columbia, descobre uma carta onde o bispo Clemente de Alexandria instigava a supressão de fragmentos inéditos do Evangelho de Marcos, descritos na carta, que realmente foram omitidos.

1959 - Morre o Papa Pio XII e é eleito como novo papa o Cardeal Roncalli, de Veneza, que escolhe o sugestivo nome de João XXIII, permanecendo no cargo até 1963, quando morre.

Curiosamente, João XXIII é o mesmo nome de “*anti-papa*”⁴⁴ que havia abdicado em 1415. Na época de sua eleição foi afirmado que Roncalli era “*um modernista*”, membro secreto da Maçonaria e da ordem Rozacruz, às quais teria se filiado quando ainda era núncio papal na Turquia, em 1935. João XXIII revisou a posição da Igreja sobre a maçonaria, quebrando dois séculos de desavenças. Antes disso, em 1960, teria escrito uma carta apostólica se referindo especificamente ao assunto “*do precioso sangue de Jesus*”, dando significado sem precedente ao tema, enfatizando o sofrimento de Jesus como ser humano e sustentando que a redenção da humanidade havia acontecido com derramamento desse sangue! Contrariando muitos dirigentes da Igreja, convocou o Concílio Vaticano II, que visava a “*renovação da Igreja*” por meio de nova forma de explicar pastoralmente os seus dogmas ao mundo moderno.

Sobre o Concílio Vaticano II, no ano 2000 o papa João Paulo II sugestivamente declarou que; “*O Concílio Vaticano II constituiu uma dívida do Espírito à sua Igreja. Por este motivo permanece como um evento fundamental, não só para compreender a história da Igreja no fim do século, mas também, e sobretudo, para verificar a presença permanente do Ressuscitado ao lado da sua Esposa no meio das vicissitudes do mundo. Mediante a assembléia conciliar pôde-se constatar que o patrimônio de dois mil anos de fé se conservou na sua originalidade autêntica*”.

1963 - Morre Jean Cocteau, ficando indefinido quem o teria substituído no cargo de grão-mestre do Sinai.

1966 - Aparece curiosa troca de cartas a respeito da morte de Leo Schidlof, que sob o pseudônimo de Henri Lobineau era o autor das genealogias de alguns dos documentos do Monastério do Sinai, e era um dignitário da Grande Loja Maçônica Suíça.

1972 - A BBC lança o filme “*O Tesouro Perdido de Jerusalém*”, com base nas pesquisas que depois originaram o primeiro livro aqui resumido.

1973 - O jornal “*Mide Libre*” publica longa descrição ligando o Monastério do Sinai a uma possível sobrevivência da linhagem Merovíngia, no século XX.

⁴⁴ Sucedendo Alexandre V e, com o reconhecimento da França, Inglaterra, Alemanha e parte da Itália, exercendo o papado de 1410 até 1415, quando abdicou, Baldassare Cossa, nascido em Nápoles, Itália, foi o João XXIII identificado como “*anti-papa*”. Estudou na Universidade de Bolonha e entrou no serviço da Igreja Católica durante o pontificado de Gregório XII, sendo nomeado Cardeal em 1402. Era “*acusado*” de ligações com a maçonaria. Morreu em Florença, em 1419.

1974 - A BBC lança o filme “*O Padre, o Pintor e o Demônio*”, com base nas pesquisas que depois originaram o primeiro livro aqui resumido.

1976 - O arcebispo Marcel Lefevre, que seria afiliado do Monastério do Sinai, foi ameaçado de excomunhão por declarar-se contra o papa Paulo VI.

1978 - Morre um papa da Igreja Cátara, na cidade de Arques

1979 - A BBC lança o filme “*A Sombra dos Templários*”, com base nas pesquisas que depois originaram o primeiro livro aqui resumido.

Ainda em 1979, um trabalho chamado de “*O Tesouro do Triângulo de Ouro*”, de Jean-Luc Chaumeil, afirma que Saunière, Boudet e diversos outros clérigos envolvidos com o enigma de Rennes-le-Château, eram afiliados a uma forma da maçonaria, que seguiria os moldes do “*ritual escocês*”.

1981 - A imprensa francesa publica curto artigo, afirmando que “*uma sociedade secreta de 121 dignitários, chamada de Monastério do Sinai, que teria sido fundada em 1099 por Godfroi de Bouillon, teria tido entre seus grãos-mestres Leonardo Da Vinci, Victor Hugo e Jean Cocteau*”.

Em março de 1979, juntamente com representantes da BBC de Londres e antes da edição do primeiro livro, “*O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*”, os seus autores se encontram com o então grão mestre do Priorado do Sião, Pierre Plantard, para entrevista realizada ao longo de alguns dias. Entre os assuntos abordados e as poucas respostas conseguidas, Plantard declarou: que o objetivo do Priorado do Sião era restaurar a estirpe Merovíngia na França moderna, e quem sabe em outros países da Europa; que o Monastério realmente possui um “*tesouro perdido*” do Templo de Jerusalém, que seria o espólio sagrado saqueado pelas legiões romanas de Tito, em 70 d.C.; que esse tesouro “*retornaria a Israel no tempo certo*”; que “*o verdadeiro tesouro seria espiritual*”; e que, em parte, “*esse tesouro consistia de um segredo*”.

Antes da publicação do segundo livro, outros encontros parecidos seriam realizados. Alguns dias depois do último, os autores constataram que Plantard havia se desligado do Priorado do Sião, por iniciativa própria! Não conseguiram saber se a sua renúncia era real, ou apenas simulada, neste caso, quem sabe, para interromper algumas situações embaraçosas ao Priorado, que teriam sido criadas pelas entrevistas e publicações originadas, expondo-os mais que queriam! Também desconhecem se outro foi eleito em sua função.

Em suas buscas os pesquisadores constataram também que, ao longo do último século e na atualidade, está comprovada a fortíssima ação de muitas “*ordens secretas*”, vinculadas a organizações públicas e muito bem conhecidas, envolvendo inclusive similares dos Estados Unidos da América, em torno da meta na criação dos Estados Unidos da Europa, ou algo similar, isto é, uma unidade econômica Européia.

As pesquisas dos autores dos dois livros revelaram também outros fatos e envolvimento relevantes, muitos também misteriosos, solidamente comprovando ações e inter-relações de diversas instituições “*secretas*”, que agiram e ainda agem no controle ou influência subjetiva ou objetiva de parte da população, de empresas, instituições políticas, religiosas e financeiras, de grupos e de muitos outros setores.

Algumas praticam, e principalmente externam boas imagens disso, realizações filantrópicas e de grande utilidade pública, além de outras secundárias. Um exemplo disso é a Soberana Ordem de Malta, na sua origem fundada em Jerusalém, sob o nome de Cavaleiros Hospitalares de São João, aparentemente em 1100 d.C., que ainda hoje existe e mantém grande rede de hospitais, geralmente eficientes, com

médicos próprios atendendo à população, além de manter grande contingente de filiados exercendo outras atividades, econômicas, financeiras e políticas.

Outra ordem, também ainda existente e atuante, é a dos Cavaleiros de Malta, igualmente mantendo uma exemplar organização hospitalar de abrangência mundial, bem como exercendo outras atividades paralelas, similares à sua congênere. Essas duas ordens e a dos Templários, que em determinada época passou a usar o título de Cavaleiros Teutônicos, entre outros, chegaram a representar os maiores poderes de toda a cristandade, nas áreas econômicas, financeiras, políticas e até, eventualmente, militares, sempre mantendo como “*linha de frente*” as atividades hospitalares e outras filantropias. Talvez não mantendo a mesma força e penetração de outrora, mas, todas ainda estão ativas nos nossos dias.

Embora os resultados obtidos demonstrem que o Monastério do Sinai, os Templários, a Maçonaria e a Rosacruz tiveram ou tem como objetivos principais aqueles aqui abordados, e que, aparentemente, sempre respeitaram algum tipo aceitável de princípio social e moral, os pesquisadores e autores não descartam a possibilidade de que, ao longo de suas existências, para atingir seus objetivos essas ordens tenham se envolvido também em atos ilícitos ou reprováveis. Por essa razão declaram que, embora não tomando conhecimento de envolvimento inidôneos dos mesmos, não conseguem confiar que não existiram!

Em contrapartida, conforme também constataram, existem muitas outras ordens, associações e/ou entidades “*secretas*”, grandes, fortes e muito bem organizadas, que primam exclusivamente por conseguir vantagens, lucros e supremacias que facilitem atingir tais objetivos, para isso usando meios inescrupulosos e ilegais, sempre que preciso for, por necessidade, capricho ou simples ambição. Ações de algumas delas foram identificadas antes mesmo da existência conhecida do Priorado do Sião e dos Templários. São grandes as evidências de ações de diversas “*ordens secretas*” nos séculos anteriores, bem como na atualidade, a exemplo de recentes “*escândalos*” provando ações ilegais.

Idôneas ou não, algumas dessas “*instituições*” foram e/ou ainda são, como exemplo, Alpha Galates, Máfia, Cosa Nostra, Camorra, Yakuza, Yuzo, Organizatsya, Cielo Blu, e outras similares, bem como envolvimento do Vaticano com modernas organizações secretas de diversos países, principalmente a CIA americana.

Foi divulgado para todo o planeta o recente escândalo financeiro e político do Banco Ambrosiano, propriedade do Vaticano, e o envolvimento ilícito do seu dirigente Roberto Calvi, o “*Banqueiro de Deus*”, tempos depois assassinado, com a atípica Loja Maçônica P2, a organização Opus Dei, da própria Igreja, a Máfia Italiana e outras “*ordens*” similares, na manipulação e desvio de muito dinheiro, influência e poder, distribuídos pelo mundo na prática de atos ilícitos.

Um exemplo de influência política relativamente recente, e fartamente documentado, foi o intenso trabalho realizado pelo Monastério do Sinai, em 1958, sob a direção de Pierre Plantard, em ações que auxiliaram a eleger o General De Gaulle como presidente da França, envolvendo inclusive atos de congêneres da Argélia, antiga colônia francesa, para isso usando o disfarce de pretensos “*Comitês de Salvação Pública*”, que sistematicamente “*desapareceram*” imediatamente após a eleição. Na época, imediatamente em seguida à sua posse, De Gaulle declarou publicamente seu agradecimento ao Priorado do Sião e a Pierre Plantard!

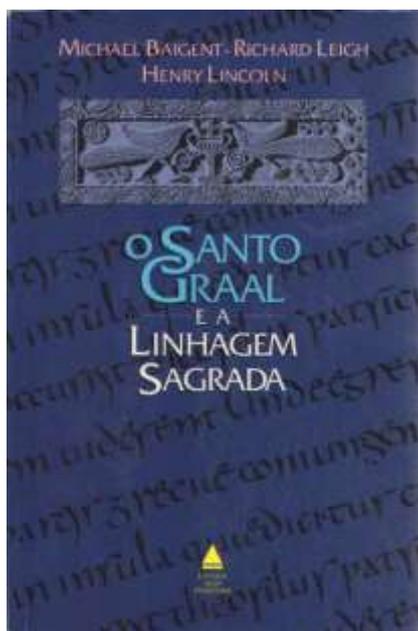
Considerando o Monastério do Sinai e os acontecimentos identificados como originados em suas ações, e suas ilações com a Maçonaria e a Rosacruz, e avaliando seus declarados “*segredos*” e “*mistérios*” em relação aos Merovíngios e a tudo que os envolve, os autores entendem que muitas indagações permanecem sem resposta! De forma resumida, declaram o que segue!

Quando estaríamos no momento certo, segundo eles, para conhecer tais “revelações” e “segredos”? Dependeria de fatores sociais e políticos específicos, ou talvez de um “clima psicológico” favorável? Estariam aguardando a chegada de um moderno “messias”? Ou, parecendo ser o mais provável, aguardam a ascensão de seus integrantes a altos e influentes cargos políticos e religiosos, para então externar “o grande segredo” e as “incontestáveis provas”? O que conduzirá tal deflagração? Acontecendo, o que isso representaria hoje? Como a população reagiria nestes dias, ao tomar conhecimento de eventual e comprovada existência de uma linhagem com descendência sanguínea de Jesus? Quem seriam eles? Em que isso afetaria o mundo atual? Como isso poderia alterar a nossa condição e qualidade de vida? Não seria bastante provável que, ao “descobriremos” isso, simplesmente “déssemos de ombro”, com a simplória indagação; “E daí?”?

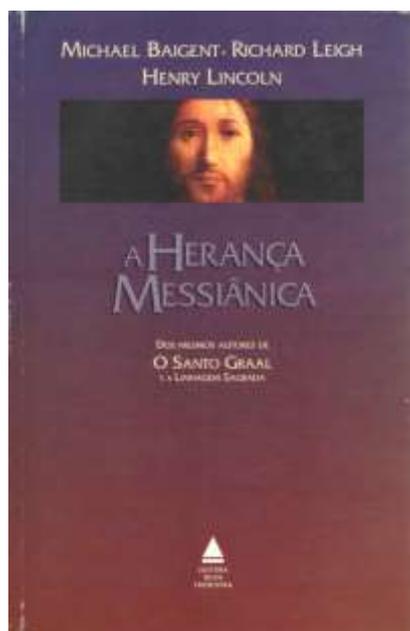
Paulo Dirceu Dias
Sorocaba, SP
Dezembro de 2010

OS LIVROS

Da Editora Nova Fronteira, ambos de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, os livros originais são:



O Santo Graal e a Linhagem Sagrada
1982 - 407 páginas



A Herança Messiânica
1986 - 375 páginas.